ELAINE CRISTINA MALDONADO

MACHADO DE ASSIS E O ESPIRITISMO: diálogos machadianos com a doutrina de Allan Kardec (1865-1896)

ASSIS

2008

Livros Grátis

http://www.livrosgratis.com.br

Milhares de livros grátis para download.

ELAINE CRISTINA MALDONADO

MACHADO DE ASSIS E O ESPIRITISMO: diálogos machadianos com a doutrina de Allan Kardec (1865-1896).

Dissertação apresentada à Faculdade de Ciências e Letras de Assis - Unesp – Universidade Estadual Paulista para a obtenção do título de Mestre em História. (Área de conhecimento: História e Sociedade).

Orientador: Prof. Dr. Eduardo Basto de Albuquerque.

ASSIS
2007

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Biblioteca da F.C.L. – Assis – UNESP

Maldonado, Elaine Cristina
M244m Machado de Assis e o Espiritismo: diálogos machadianos com a doutrina de Allan Kardec (1865 – 1896) / Elaine Cristina Maldonado. Assis, 2008
95 f.

Dissertação de Mestrado – Faculdade de Ciências e Letras de Assis – Universidade Estadual Paulista.

1. Espiritismo - História. 2. Assis, Machado de, 1839-1908. 3. Literatura brasileira – Séc. XIX. I. Título.

CDD 133.9
869.93

Dedico este trabalho a meus avós, Geraldo Teodoro Rodrigues (in memorian) e Miguel Maldonado Galera (in memorian), pioneiros da cafeicultura paulista, exemplos de trabalho e perseverança que me orientam a jornada sempre.

Agradecimentos

Ao final desta etapa, gostaria de agradecer, de maneira geral, a todos os que, direta ou indiretamente, colaboraram para tornar este trabalho possível.

Agradeço, de maneira especial, ao querido Prof. Dr. Fernando Perli, meu primeiro orientador e incentivador que, com seu empenho e entusiasmo contagiantes abriu-me um mundo novo. Professor, você foi e sempre será meu grande exemplo a seguir.

Ao Prof. Ms. Igor Pedrini, muito obrigada pelo apoio, pelo incansável incentivo e por ter acreditado em mim mais do que eu mesma. Sem sua força, eu sequer teria me inscrito no processo seletivo.

Aos companheiros de disciplinas, aos professores e funcionários da Unesp – Assis, obrigada por compartilharem comigo estes anos. Vocês, com sua amizade e seu carinho, fizeram com que a jornada fosse menos dura.

Ao meu orientador, Prof. Dr. Eduardo Basto de Albuquerque, agradeço a generosidade de ter me aceito mesmo com toda a inexperiência. Obrigada por investir na minha idéia e pela orientação segura e amiga.

À Secretaria de Educação do Estado de São Paulo agradeço a concessão da Bolsa-Mestrado que muito me ajudou nestes dois últimos anos de pesquisa.

E finalmente, aos meus filhos, Rennan e Fernando, pelo simples fato de existirem, pois me tornei uma pessoa muito melhor depois de sua chegada.

Resumo

Este trabalho tem por objetivo analisar a trajetória do espiritismo no Rio de Janeiro a partir da visão do escritor Machado de Assis, através de seu trabalho nos jornais cariocas da segunda metade do século XIX. Tomando como ponto de partida suas crônicas e contos, buscou-se analisar os acontecimentos no meio espírita no mesmo período, estabelecendo, ou não, uma relação entre eles. O material encontrado foi publicado entre 1865 e 1896, totalizando, portanto, 31 anos de escritos referentes ao espiritismo na obra machadiana, dado que não pode ser menosprezado, visto se tratar precisamente do período em que a doutrina espírita chega ao Brasil, conquista adeptos, levanta discussões e suscita polêmicas, conseguindo, ao final do século XIX, sua institucionalização com a criação da Federação Espírita Brasileira em 1884 e a perseguição por parte dos órgãos oficiais após a inclusão do termo espiritismo em três artigos do Código Penal de 1890, fato que culminou numa longa campanha de legitimação da doutrina por parte de seus seguidores. A intenção deste trabalho foi verificar as ressonâncias desse movimento de difusão e legitimação da doutrina espírita nas páginas de Machado de Assis.

Palavras-chave: espiritismo, Machado de Assis, história religiosa, Brasil - século XIX.

Abstract

This research has the aim of analyzing the journey of spiritism in Rio de Janeiro from writer Machado de Assis' point of view through his work on newspapers of this city on the second half of 19th century. Taking into account his chronicles and short stories, there was a survey in order to investigate the events in spiritism environment in the same period, if not a relation among them. All the material found was published between 1865 and 1896, resulting 31 years of written references at such subject on his work , information that cannot be underestimates, once we realize and state the spiritism arrives in Brazil, achieves its followers , raises issues and polemics, getting its officialization in the late 19th century with the creation of a legal and officialized Federation in 1884 which suffered persecution made by official rulers after the inclusion of the term "spiritism" in the Brazilian Law in 1890 leading to the long campaign to state it as a religion. The intention of this research was to verify its spreads on Machado de Assis' pages.

Key words: spiritism, Machado de Assis, religious history, Brazil – 19th century.

Sumário

INTRODUÇÃO..... 8

CAPÍTULO 1 -..... 18

1.1 – Machado de Assis e a cena intelectual brasileira..... 18

1.2 – O caso da Guerra do Paraguai..... 22

1.3 – As primeiras notas na imprensa..... 31

CAPÍTULO 2 –..... 37

2.1 – A loucura como resultado da crença.....37

2.2 – Materializações e processo..... 45

CAPÍTULO 3 –........ 60

3.1 – A difusão do espiritismo e o silêncio de Machado de Assis..... 60

3.2 – O teor crítico aumenta..... 62

3.3 – Curandeirismo pode, espiritismo não.....73

CONCLUSÃO........ 88

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS..... 90

Introdução

A presente pesquisa pretende ser uma contribuição ao estudo da história da doutrina espírita no Brasil, buscando mostrar a visão de um importante membro da elite intelectual sobre ele: Machado de Assis.

Machado de Assis tem sido alvo de diversos trabalhos nas últimas décadas, boa parte deles afirmando seu valor como historiador de seu tempo. Entre esses trabalhos, podemos citar o de John Gledson, "*Por um novo Machado de Assis"*; e o de Sidney Chalhoub, " *Machado de Assis Historiador"*, para ficarmos apenas nos mais recentes. Se em algum momento Machado de Assis chegou a ser acusado de indiferente às questões históricas, hoje tal acusação não faz sentido algum, visto que estes novos trabalhos mostram que, muito pelo contrário, sua obra revela muito da história do Brasil.

Sempre atento aos últimos acontecimentos, ele comentava sobre os mais variados assuntos semanalmente nas páginas dos jornais para os quais trabalhou ao longo de mais de quatro décadas. E é justamente esse seu interesse por tudo quanto acontecia no Rio de Janeiro, no Brasil e até mesmo no mundo que permite que encontremos em suas crônicas praticamente qualquer assunto. Basta desprender delas a série de interesse e se lançar à análise.

Para esta pesquisa interessou a série de crônicas escritas entre 1865 e 1896 em que o autor critica, comenta, analisa, dialoga, enfim, com o espiritismo recém chegado ao Brasil.Além das crônicas, fazem parte desta pesquisa alguns contos que versam sobre o mesmo tema, todos eles também publicados nos jornais. A hipótese principal é a de que à medida que os fatos se sucediam no meio espírita, Machado de Assis os comentava nas páginas dos jornais.

O trabalho de Machado de Assis como cronista e contista, embora tenha merecido nos últimos anos uma maior atenção, ainda permanece um tanto quanto reduzido, quando comparado ao número de trabalhos que analisam seus romances. Porém, é inegável a

importância deste seu ofício, uma vez que foram mais de 600 crônicas e 200 contos, ao longo de, como já disse, pouco mais de 40 anos.

John Gledson comenta esse novo interesse pela obra de Machado de Assis:

> *Não há nada muito original em destacar o interesse de Machado pela sociedade, história e política brasileiras: é coisa do passado remoto (ou deveria sê-lo) criticá-lo por não refletir a realidade local. Mas, aos poucos, ao longo dos anos, um ponto de vista contrário foi surgindo, o de que a própria sutileza e a profundidade com que ele espelha as condições locais, brasileiras, são essenciais para sua grandeza e originalidade como escritor.* [1]

Partilho dessa mesma opinião e tomo de empréstimo a fórmula adotada por ele no terceiro capítulo da obra citada: analisar as crônicas à luz dos fatos históricos do momento em que elas foram escritas. Gledson analisa as crônicas sobre a Abolição; no caso deste trabalho, as crônicas utilizadas serão, como já foi dito, aquelas que abordam o espiritismo, bem como os contos que trazem o mesmo tema.

Sidney Chalhoub segue a mesma linha de pensamento de Gledson em seu livro "Machado de Assis, historiador". Logo no início de seu livro, o autor diz:

> *Ao contar suas histórias, Machado de Assis escreveu e reescreveu a história do Brasil no século XIX. Essa hipótese vem sendo defendida, a meu ver de forma bastante convincente, por críticos literários como Roberto Schwarcz e John Gledson, e tem se revelado importante para desvendar e potencializar significados nos textos machadianos.* [2]

Chalhoub analisa nas obras de Machado os elementos representativos da ideologia senhorial então dominante e fala da importância de se buscar os significados e intenções escondidas nos textos, fazendo uma leitura a contrapelo deles.

---

[1] GLEDSON. John. "Machado de Assis: ficção e história." Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2003, p.31.
[2] CHALLOUB. Sidney. *Machado de Assis, historiador.* São Paulo: Companhia das Letras, p.17

Machado de Assis não é um autor fácil de ler, e muitas vezes o que nos surge numa primeira leitura dos textos é muito diferente do que uma leitura mais apurada revela.

Sobre isso, mais uma vez, John Gledson e Sidney Chalhoub concordam. O primeiro diz que o realismo de Machado é, sobretudo, "*enganoso, ou seja, está oculto do leitor, de maneira que se torna necessário ler nas entrelinhas para entender o romance*" [3] e, digo eu, também as crônicas e os contos.

Quanto a Sidney Chalhoub, na introdução de seu já citado livro ele comenta o trabalho de Gledson, reforçando a hipótese por ele levantada:

> "*Se a pena de Gledson revela um Machado empenhado em interpretar o sentido da história, também mostra que tal esforço é acompanhado de um processo de despistamento do leitor que, não raro vê seu esforço de entendimento solenemente enviado para as calendas gregas".* [4]

Ainda assim vale a pena analisar a obra machadiana sob os mais diferentes aspectos. Pois cada (re) leitura revela um novo e fascinante mundo de significados, uma nova faceta da obra deste que é considerado por muitos o maior escritor brasileiro.

Esta pesquisa nasceu de um incômodo. Lendo o livro de Ubiratan Machado, *Os Intelectuais e o Espiritismo*, pude perceber como boa parte da intelectualidade brasileira do século XIX interessou-se pela doutrina espírita e até mesmo converteu-se a ela. Uma pergunta então passou a me perseguir: Porque Machado de Assis criticou o espiritismo?

Esta primeira pergunta me levou a outras: se o espiritismo era, a princípio, "coisa de elite", porque um representante dela se colocou abertamente contra? Porque o escritor Machado de Assis dedicou tanto espaço em suas colunas nos jornais do Rio de Janeiro para falar sobre o espiritismo? O que aconteceu com a essa nova doutrina nos 31 anos em que Machado fala sobre ela? Qual a dimensão dessas crônicas, quantas eram, quais pontos da doutrina criticavam? Os espíritas responderam às críticas?

---

[3] GLEDSON. John. *Op.cit.* p. 23.
[4] CHALLOUB, Sidney. *Op.cit.* p. 18.

Todas essas questões levaram-me a propor um projeto de pesquisa que juntasse, num trabalho acadêmico de dimensões reduzidas e pretensões modestas, religiosidade, literatura e história.

Então um problema central surgiu: como justificar uma abordagem nesse sentido?

Em primeiro lugar creio ser importante ressaltar que o objeto dessa pesquisa é o espiritismo na segunda metade do século XIX e não propriamente o escritor Machado de Assis. As crônicas de Machado são o ponto de partida, a partir do qual se pretende analisar a trajetória do espiritismo no Rio de Janeiro. As fontes utilizadas são as crônicas de Machado de Assis, o periódico espírita O Reformador, lançado em 1883, e dados sobre os primeiros anos do espiritismo no Brasil encontrados em livros e nos anuários da Federação Espírita Brasileira (FEB).

A partir dessas crônicas, faço o levantamento do que acontecia no meio espírita naquele momento. Isso, claro, sem esquecer o contexto histórico da época com suas muitas mudanças tanto no cenário nacional (transição monarquia-república, questão religiosa, abolição, etc.), quanto no cenário mundial (positivismo, liberalismo, avanço tecnológico).

Como bem observou Nicolau Sevcenko:

> *O século XIX foi um período de avanços científicos prodigiosos, durante o qual campos completamente novos da ciência surgiram [...] o desenvolvimento tecnológico também foi espetacular – talvez mais ainda do que o científico na mente do grande público. Transporte, eletrificação, indústrias químicas, controle de doenças – a lista é infinita- estavam alterando a sociedade de modo profundo e irreversível.* [5]

Em meio a todas essas mudanças, uma nova forma de crença chega ao Brasil, e embora se apregoe doutrina de fé e ciência, é inegável que em nossas terras o espiritismo sempre teve uma forte vertente religiosa, em detrimento da científica.

---

[5] TOLSTÓI, Ivan. *Apud* SEVCENKO, Nicolau. *A Capital irradiante: técnica, ritmos e ritos do Rio. In:* NOVAIS, Fernando A; SEVCENKO, Nicolau *Orgs História da Vida Privada no Brasil.* São Paulo: Companhia das Letras, 1998, vol. 3, p.02.

Muito embora o espiritismo não se autodenomine religião, mas doutrina de fé e ciência, não há como negar sua importância enquanto manifestação religiosa; uma vez que a maioria de seus adeptos a vivenciam como religião, fazendo dos passes, das operações espíritas e das palestras seus rituais e aceitando seus ensinamentos como se fossem dogmas.

Por mais que os oradores espíritas insistam em que o espiritismo não possui ritos, a prática do "Evangelho no lar", os chás receitados pelos médiuns, a água fluidificada e outras práticas, são muitas vezes absorvidas pelos seguidores como substitutos dos rituais católicos e incorporadas como ritos religiosos.

> *O termo religião, oriundo do latim 'religio', não tinha a acepção moderna forjada ao longo da história da civilização ocidental, indicando simplesmente um conjunto de normas, observações, advertências e interdições, não necessariamente relacionadas à adoração de divindades, tradições míticas ou celebrações rituais.* [6]

É dessa forma que pretendo analisar o espiritismo, enquanto um conjunto de normas e ensinamentos, que buscam ligar o homem ao "mundo espiritual" e, mais ainda, analisando-o como um fato histórico importante no contexto social de transformações e mudanças vivido pelo Rio de Janeiro da segunda metade do século XIX e início do século XX, tomando como ponto de partida para esta análise as crônicas de Machado de Assis.

Estando o campo religioso brasileiro em mudança desde a Questão Religiosa[7], essa nova forma de crença , ao que tudo indica, veio de encontro aos anseios dos intelectuais, que conseguiram, no espiritismo, aliar uma crença diretamente importada da França aos ideais positivistas tão em voga na época. Sobre esse assunto retorno com mais detalhes no capítulo 1.

---

[6] CARDOSO, Ciro & VAINFAS, Ronaldo. *Domínios da História: ensaios de teoria e metodologia.* Rio de Janeiro: Campus, 1997, p. 337.

[7] Também conhecida como questão episcopo-maçônica; crise ocorrida entre a Igreja católica e a monarquia brasileira entre 1872 e 1875. [...] Clérigos e maçônicos viviam em harmonia até que o papa Pio IX promulgou, em 1864, a encíclica *Quanta cura*, acompanhada de um anexo, o *Syllabus*. A bula, que procurava fortalecer o papado, anatematizava a maçonaria, tornando-se logo, no Brasil, objeto de vivas discussões, até porque, ao pregar a inconveniência de católicos freqüentarem as obediências, o documento atingia a própria família real, de que vários integrantes eram maçônicos. *Cf.* AZEVEDO, Antonio Carlos do Amaral. *Dicionário de nomes, termos e conceitos históricos.* Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999, p. 377.

Num primeiro momento, a intenção deste trabalho era analisar apenas as crônicas que abordavam o espiritismo. Um levantamento mais apurado, porém, encontrou contos muito interessantes sobre o tema e por isso um capítulo deste trabalho será dedicado à análise deles.

Uma pergunta que provavelmente será feita acerca desta pesquisa é: porque os romances não foram incluídos? Antecipadamente respondo: por que Ubiratan Machado já o fez em seu trabalho *Os Intelectuais e o Espiritismo*.

Embora muitas idéias contidas nesta pesquisa estejam também no trabalho de Ubiratan Machado, minha intenção foi a de ampliar sua análise do trabalho jornalístico de Machado de Assis, incluindo textos não analisados por ele e dando a minha interpretação à eles.

Busquei analisar a visão do cronista Machado de Assis acerca do espiritismo a partir de seu trabalho na imprensa carioca.

Quanto ao uso das crônicas como fonte histórica, creio ter-se ido o tempo em que tal método seja discutido ou posto em dúvida, visto os muitos trabalhos que lançaram mão deste recurso. Porém, para que não reste nenhuma dúvida, temos em Margarida de Souza Neves uma justificativa para tal:

> *No caso específico das crônicas cariocas produzidas na passagem do século XIX ao século XX, é possível perceber uma leitura que as considere "documentos" na medida em que se constituem como um discurso polifacético que expressa, de forma certamente contraditória, um "tempo social" vivido pelos contemporâneos como um momento de transformações (...) "Documentos", nesse sentido, porque imagens de uma nova ordem.*
>
> *É enquanto se apresentam como "imagens de um tempo social" e "narrativas do cotidiano", ambos considerados como "construções e não como" dados ", que as crônicas são aqui consideradas documentos.* [8]

[8] NEVES, Margarida de Souza. *Uma Escrita do tempo: memória, ordem e progresso nas crônicas cariocas.* In: CANDIDO, Antonio. [*et al*] *A Crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil.* Campinas: Editora Unicamp; Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992, p.76.

Em suma, considerando o espiritismo como manifestação religiosa e as crônicas de Machado de Assis como documentos é que se pretende realizar o trabalho historiográfico proposto.

Para se pensar todas essas questões, o suporte teórico vem de Pierre Bordieu, com suas definições de campo religioso e habitus e de Roger Chartier, com sua definição de representação.

O *habitus*, segundo Bordieu, é um sistema de disposições, modos de perceber, de sentir, de fazer, de pensar, que nos levam a agir de determinada forma em uma circunstância dada. O *habitus* encontra-se inserido em um determinado campo, sendo que cada campo solicita seu *habitus* próprio a seus agentes. Isto vale por dizer que cada campo é diferente de outro justamente por causa do *habitus* de cada um, que tem seus cânones próprios. O campo, por sua vez, é definido como um local em constante movimento, onde lutas e disputas de forças buscam legitimar e manter os papéis de cada um dentro do campo, ou seja, manter o poder simbólico constituído. [9]

O campo religioso brasileiro, neste período, estava em transformação, a laicização do Estado era já um assunto bastante comentado e o espiritismo surge como uma opção frente aos dogmas católicos. Isso gerou profundas divergências entre Igreja Católica e os adeptos do espiritismo, divergências essas que foram estudadas por Carlos Eduardo von Doellinger Manhães em sua dissertação de mestrado sobre os ataques entre o jornal católico O Apóstolo e o periódico espírita o Reformador.[10]

A velha instituição católica, que contava até então com a oficialidade, não via com bons olhos essa nova forma de crença, que trazia como novidade suprema a comunicação com os mortos e a reencarnação, pontos que são debatidos até hoje.

Esta disputa pela posse dos bens religiosos seguiu-se durante muitos anos e o espiritismo, que no início primava pelas experiências científicas, terminou por assumir

---

[9] BOURDIEU, Pierre. *A Economia das trocas simbólicas.* São Paulo: Perspectiva, 1999.
[10] MANHÃES, Carlos Eduardo Von Doellinger. *O Reformador e o Apóstolo: embates entre espíritas e católicos no Rio de Janeiro (1883-1929).* Universidade Federal Fluminense. Dissertação de mestrado, 198 pág.

um lado inteiramente diverso, constituindo-se numa nova forma de religiosidade brasileira.

Para esta pesquisa, importa analisar a recepção do espiritismo no meio intelectual carioca e para tal, julgo que a noção de representação de Roger Chartier seja adequada para se pensar de que maneira os intelectuais ressignificaram os conceitos espíritas no Brasil, adequando-os aos seus anseios de modernidade, liberdade e progresso. Para apoiar tal argumento recorro às palavras do próprio Chartier:

> *A história cultural, tal como a entendemos, tem por principal objeto identificar o modo como em diferentes lugares e momentos, uma determinada realidade social é construída, pensada, dada a ler. Uma tarefa deste tipo supõe vários caminhos. O primeiro diz respeito às classificações, divisões e delimitações que organizam a apreensão do mundo social como categorias fundamentais de percepção e apreensão do real. Variáveis consoante as classes sociais ou os meios intelectuais são produzidas pelas disposições estáveis e partilhadas, próprias do grupo. São estes esquemas intelectuais incorporados que criam as figuras graças às quais o presente pode adquirir sentido, o outro tornar-se inteligível e o espaço ser decifrado.*
>
> *As representações do mundo social assim construídas, embora aspirem à universalidade de um diagnóstico fundado na razão, são sempre determinadas pelos interesses de grupo que as forjam. Daí, para cada caso, o necessário relacionamento dos discursos proferidos com a posição de quem os utiliza.* [11]

A citação, embora longa, se faz necessária por justificar plenamente, a meu ver, o uso do trabalho de Machado de Assis como cronista para explicar sua posição frente à nova doutrina que se espalhava pela sociedade carioca, tendo inclusive muitos intelectuais envolvidos em sua divulgação. [12]

O discurso de Machado de Assis sobre o espiritismo nos mostra de que maneira o escritor via essa nova modalidade de fé, e, sendo ele um representante de uma classe social, seu discurso nos faz ver que uma parte da intelectualidade não via com bons olhos a difusão da doutrina. E não se pode pensar apenas na intelectualidade, mas na

---

[11] CHARTIER, Roger. *A história cultural: entre práticas e representações.* Lisboa: Difel, 2002, p.16.

[12] Para um estudo mais aprofundado sobre o envolvimento dos intelectuais do século XIX com o espiritismo ver *Os Intelectuais e o Espiritismo* de Ubiratan Machado.

sociedade de uma forma geral, pois o espiritismo, embora tenha tido a aceitação de pessoas ilustres, conforme veremos no decorrer dos capítulos, teve também o repúdio e o ataque de diversos setores da sociedade, como católicos, médicos, a justiça, a imprensa.

Identificar de que maneira a inserção do espiritismo na sociedade carioca foi, parafraseando Chartier, pensada, construída e dada a ler por Machado de Assis a seu público leitor é justamente o que se busca neste trabalho, pois o que se percebe nesses 31 anos de citações é mais do que puramente críticas ou ironias, mas um diálogo freqüente com o espiritismo, na medida em que essa nova doutrina cresce e alcança um número cada vez maior de adeptos.

Quanto à estrutura do trabalho, achei conveniente dividi-lo em três partes, de acordo com a ordem cronológica em que as crônicas e os contos foram publicados.

No primeiro capítulo, analiso a primeira crônica em que Machado de Assis aborda o espiritismo. Esta crônica, datada de 1865, fala sobre previsões enviadas ao escritor acerca da Guerra do Paraguai, recebidas em uma sessão espírita.

Este fato mostra que em 1865 o espiritismo já era assunto tão conhecido a ponto de ser publicado na imprensa sem maiores explicações acerca da doutrina, que, de acordo com os registros sobre a história do espiritismo, estava começando a juntar adeptos que formaram os primeiros grupos de estudos e experiências.

O objetivo deste capítulo é analisar, a partir das previsões enviadas, os primeiros anos da doutrina no Brasil, sua recepção e os meios pelos quais ela buscou se firmar na sociedade carioca.

No segundo capítulo, são analisados seis contos: *A Segunda Vida*, *Uma Visita de Alcibíades*, *A Idéia do Ezequiel Maia, O Segredo do Bonzo* e os mais conhecidos deles, *A Cartomante* e *O Alienista.* Nesses contos, a análise se concentrará nos elementos espíritas presentes na trama, sempre em contraponto com os fatos ocorridos no meio espírita, buscando encontrar - ou não - referências a esses fatos nos contos.

O capítulo três tratará do período em que as crônicas são mais regulares e onde as críticas são mais consistentes. Esse período vai de 1885 a 1896, data da última crônica. Neste capítulo, a intenção é analisar as crônicas juntamente com o periódico O Reformador, fundado em 1883. Sendo esse periódico alçado à posição de principal órgão de divulgação da doutrina, busquei neles tanto fatos que pudessem ter incentivado a escritura das crônicas da parte de Machado de Assis, como respostas a essas crônicas.

Em todos os capítulos, a questão fundamental e norteadora do trabalho será: em que momento estava a doutrina espírita quando da publicação destas crônicas e contos?

A análise das crônicas e dos contos em contraposição a divulgação e legitimação da doutrina frente aos cultos afro-brasileiros poderá trazer resposta a esta e as outras questões formuladas e trazer ao conhecimento uma nova faceta da história do espiritismo no Brasil, sem, contudo, ter a pretensão de esgotar o assunto.

Capítulo 1

1.1 Machado de Assis e a cena intelectual brasileira no século XIX.

Machado de Assis nasceu em 1839 e aos 19 anos iniciou sua carreira de folhetinista. Sua trajetória nos jornais cariocas foi longa e fértil. A partir de 1860, escreveu crônicas, contos e romances-folhetins nos principais jornais do Rio de Janeiro. Suas crônicas foram publicadas nos jornais: *Diário do Rio de Janeiro* e *Semana Ilustrada* (1860-75), *O Futuro* (1862), *Ilustração Brasileira* (1876- 78), *O Cruzeiro* (1878), e *Gazeta de Noticias,* onde encontramos a maior parte de sua produção como cronista (1883-97).

Quanto à sua produção como contista, três jornais se destacam: o *Jornal das Famílias*, *A Estação,* publicações dirigidas essencialmente às mulheres, e novamente *A Gazeta de Notícias,* jornal que representou uma novidade na época, pois era vendido nas ruas, ao contrário da maioria que dependia apenas de assinaturas. Nesses três jornais Machado concentrou quase toda a sua produção como contista, 163 ao todo, divididos da seguinte forma: no *Jornal das Famílias,* 70 contos distribuídos entre os anos de 1864e 1878; em *A Estação*, 37 contos entre 1879 e 1898 e na *Gazeta de Notícias*, 56 contos no período de 1881 a 1897. Pelo volume publicado e pelo período em que essas publicações se deram, pode-se avaliar a importância dessa parte da obra de Machado de Assis, que deveria ser melhor utilizada como fonte de estudo do que foi até agora, como bem observou John Gledson:

> *Machado de Assis escreveu cerca de duzentos contos, que abrangem praticamente toda a sua vida de escritor, desde 1958, quando contava dezenove anos, até 1907, um ano antes de sua morte. Esses contos sempre foram, em relação aos seus romances, relegados a um segundo plano. Ninguém nega a qualidade de Machado como contista, um dos melhores da história da literatura brasileira [...] Mas a verdade é que, a despeito de sua popularidade, os contos de Machado não são levados tão à sério quanto deveriam.* [13]

A importância dos jornais na época é indiscutível, pois constituía o principal meio de divulgação para os escritores e Machado de Assis soube aproveitar muito bem esse veículo, como podemos observar nas palavras de Luiz Roncari "*quase tudo o que Machado escrevia passava primeiro pela imprensa: artigos, crônicas, críticas, poesias,*

---

[13] GLEDSON, John. *Por um novo Machado de Assis.* São Paulo: Cia. das Letras, 2006, p. 35.

contos e romances-folhetins; antes de ganharem a forma de livros, eles eram publicados em jornais e revistas". [14]

Importante é salientar que o público leitor da época era bastante restrito. O primeiro censo populacional do Brasil, iniciado em 1872 e concluído em 1876, mostrou que o índice de analfabetos era assustador: cerca de 84% de um total de 9.930.478 pessoas, entre homens livres e escravos. A revista *A Imprensa Industrial*, em 10 de agosto de 1876 publica um artigo comentando os lamentáveis índices da instrução pública do Rio de Janeiro, e afirma: "*Freqüentam as escolas 155.651 meninos e 165.098 meninas e deixam de freqüentá-las 786.131 meninos e 795.574 meninas (!!!)"* [15].

Hélio de Seixas Guimarães, em seu livro *Os Leitores de Machado de Assis*, fala da perplexidade com que os dados do censo foram recebidos:

> *Há muito se sabia da restrição e precariedade da instrução no país, mas os dados do recenseamento caíram como uma bomba sobre o Brasil letrado. [...] Todos os principais jornais da corte trouxeram na edição de 5 de agosto de 1876 o texto ofício assinado por Manoel Francisco Correia e dirigido ao ministro e secretário de estado dos negócios do Império, José Bento da Cunha e Figueiredo, com os dados coletados pelo censo. No dia 14 do mesmo mês, O Globo, o jornal mais progressista em circulação e sem vínculo direto com qualquer partido político, reproduziu em sua primeira página texto originalmente publicado em A Província de S.Paulo, intitulado "Algarismos eloqüentes", que apresentava alguns dados sobre o índice de analfabetismo seguidos da constatação inexorável: "Somos um povo de analfabetos!".* [16]

O próprio Machado de Assis comentou o resultado do censo de 1876 em crônica de 15 de agosto de 1876, onde, depois de discorrer sobre a festa da Glória, corrida de cavalos e sobre a mansidão dos burros, escreve:

> *E por falar neste animal [o burro], publicou-se há dias o recenseamento do Império, do qual se colige que 70% da nossa população não sabem ler. Gosto dos algarismos, porque não são de meias medidas nem de metáforas.Eles dizem as coisas pelo seu nome, às vezes um nome feio, mas não havendo outro, não o*

---

[14] RONCARI, Luiz. *Machado de Assis: o aprendizado e o esclarecimento de Mariana. In:* Revista Brasileira de História, vol. 25, n° 50, pág. 242.
[15] *A imprensa Industrial*, 10.8.1876 *apud* GUIMARÃES, Hélio de Seixas. *Os leitores de Machado de Assis: o romance machadiano e o público de literatura no século 19.* São Paulo: Nankin Editorial, 2004, pág. 92.
[16] *Idem, ibidem*, pág. 88.

> *escolhem. [...] - A nação não sabe ler. Há só 30% dos indivíduos residentes neste país que podem ler, desses uns 9% não lêem letra de mão. 70% jazem em profunda ignorância [...] Votam como vão à festa da Penha, - por divertimento. A Constituição é para eles uma coisa inteiramente desconhecida. Estão prontos para tudo: uma revolução ou um golpe de Estado. [...] - As instituições existem, mas por e para 30% dos cidadãos. Proponho uma reforma no estilo político. Não se deve dizer: "consultar a nação, representantes da nação"; mas – " consultar os 30%, representantes dos 30%, poderes dos 30%. A opinião pública é uma metáfora sem base, há só a opinião dos 30%. Um deputado que disser na Câmara: " Sr. Presidente, falo em deste modo porque os 30% nos ouvem..." dirá uma coisa extremamente sensata.* [17]

Não é difícil imaginar a angústia dos escritores da segunda metade do século XIX frente aos dados do censo. Auto-proclamados os guias da nação rumo ao progresso, os intelectuais viam na literatura e no engajamento político a única saída para tirar o Brasil do atraso e da ignorância bem como a única forma de projetá-lo a um novo mundo, onde a ciência e a modernidade reinavam. Esse argumento encontra apoio em Nicolau Sevcenko quando diz que "*no Brasil, esses intelectuais postavam-se como os lumes, os representantes dos novos ideais de acordo com o espírito da época, a indicar o único caminho seguro para a sobrevivência e o futuro do país".* [18]

Pois bem, esses homens de letras descobrem que as taxas de analfabetismo no país eram muito maiores do que se supunha e que suas obras ficavam restritas a um pequeno grupo privilegiado que tinha tido acesso à instrução.

Tânia Regina de Lucca também comenta sobre o diminuto contingente de leitores, mas ressalta que os ideais destes intelectuais se sobrepunham à escassez de público:

> *O caráter doutrinário, a defesa apaixonada de idéias e a intervenção no espaço público caracterizaram a imprensa brasileira de grande parte do século XIX, que, é bom lembrar, contava com contingente diminuto de leitores, tendo em vista as altíssimas taxas de analfabetismo. Os aspectos comerciais da atividade eram secundários diante da tarefa de interpor-se nos debates e dar*

---

[17] Machado de Assis. *A Semana*, Rio de Janeiro, W.M. Jackson Editores, 1942,vol.III pág. 102.
[18] SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República.* São Paulo: Editora Brasiliense, 1985, pág.82.

publicidade às propostas, ou seja, divulgá-las e torná-las conhecidas. [19]

Porém, se o público leitor do século XIX era minguado, e os dados do censo deram a exata dimensão de quão isolados estavam os escritores e seu restrito público, a maioria composto por mulheres das classes mais abastadas e jovens estudantes, isso não abalou o jovem escritor Machado de Assis, que vai fazer do seu espaço no jornal um campo de militância em favor do esclarecimento da população e de um estado de coisas mais justo. Como muito bem observou Hélio de Seixas Guimarães:

> *A precariedade do meio intelectual, objeto freqüente da indignação de artistas que se colocavam numa esfera à parte, como vítimas do meio, deixará de ser percebida por Machado como pura negatividade e/ou contingência externa à atividade literária, passando a ser tratada como condição inerente à produção literária no Brasil. A indiferença geral, a carência de público e de opinião consistente, a sensação constante de queda no vazio deixam de ser tratadas como acidentes lamentáveis ou fruto de conspirações, mas fatos de uma sociedade fundada em poderosos procedimentos de exclusão sobre os quais a produção literária deve refletir*[20].

Desta afirmação podemos concluir que o trabalho do cronista tem suma importância, pois elas eram o meio usado para refletir sobre a realidade local e nacional, funcionando como uma grande vitrine dos acontecimentos da semana e convidando os leitores à reflexão sobre os mesmos. Daí não surpreende que encontremos ao longo de suas quatro décadas como cronista os mais variados assuntos e um refinamento cada vez maior da escrita, à medida que o escritor Machado de Assis se aperfeiçoava na arte de seduzir seu público. Como definiu Sônia Brayner:

> *A obra machadiana de muito se beneficiou desse texto transicional que é a crônica, pois valeu-se dela como campo de provas de toda a espécie de experimentação dos limites do narrar.[...] É uma escrita da sociabilidade em que ele supervaloriza as ligações de reciprocidade provocadas no texto, nessa transição da cultura*

---

[19] LUCCA, Tânia Regina de. *História dos, nos e por meio dos periódicos.* In: Pinsky, Carla Bassanesi *et al. Fontes Históricas*, São Paulo: Editora Contexto, 2004, p.133-134.

[20] GUIMARÃES, Hélio de Seixas. *Os leitores de Machado de Assis: o romance machadiano e o público de literatura no século 19*. São Paulo: Nankin: Editora da Universidade de São Paulo. 2004, pág. 104.

> *brasileira oitocentista de uma técnica oral para uma técnica escrita que o jornal, naquele momento, desencadeia com ansiedade.*[21]

Nicolau Sevcenko vai além e coloca Machado de Assis como uma espécie de tradutor na vida moderna:

> *Na sua posição de cronista do popular jornal a Gazeta de Noticias, seu papel era exatamente o de atuar como um intermediário, comentando as matérias do noticiário internacional e estabelecendo a ponte para os acontecimentos locais. O que o torna num sensor aguçado, captando a maré das mudanças que do hemisfério norte irradiava as tendências a que o restante do mundo se via na contingência de se ajustar e, ao mesmo tempo, observando as ressonâncias internas desse panorama amplo e turbulento.* [22]

A posteridade se encarregou de transformá-lo num escritor *sui generis,* objeto de estudo nos mais diferentes ângulos e matizes, fonte permanente de novos objetos e receptor das mais diversas abordagens. Antes acusado, injustamente, de não refletir sobre a realidade local, agora é constantemente citado como historiador de seu tempo, e tema de diversos trabalhos que buscam comprovar essa sua característica.

Assim, não é difícil imaginar uma aproximação entre a obra de Machado de Assis e o espiritismo recém chegado ao Brasil, embora essa faceta de seu trabalho seja tão pouco conhecida, não obstante tenha sido brilhantemente descoberta e analisada por Ubiratan Machado em seu livro já citado.

1.2 O Caso da Guerra do Paraguai.

Sendo Machado um dos representantes de uma categoria, de uma classe – a dos intelectuais - seu discurso sobre o espiritismo nos diz muito sobre a história dele e serve

---

[21] BRAYNER, Sônia. *Machado de Assis: um cronista de quatro décadas. In:* CANDIDO, Antonio, *et al. A Crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil.* Campinas, SP: Editora da Unicamp; Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992, pág. 414.

[22] SEVCENKO, Nicolau. *A Capital irradiante: técnica, ritmos e ritos do Rio. In:* NOVAIS, Fernando A; SEVCENKO, Nicolau *Orgs História da Vida Privada no Brasil.* São Paulo: Companhia das Letras, 1998, vol. 3, p.532.

como parâmetro para discutir como a sociedade carioca da segunda metade do século XIX estava assimilando a chegada dessa nova doutrina.

Sempre atento ao que acontecia no Rio de Janeiro, Machado de Assis não deixava de comentar nas páginas dos jornais nos quais trabalhou os fatos da semana. Como cronista, podia ter como principal objeto de análise tanto os fatos simples do cotidiano da cidade como os grandes eventos da nação. Afinal, como diz Antônio Cândido, a crônica "*pega o miúdo e mostra nele uma grandeza, uma beleza e uma singularidade insuspeitadas"*. E sobre os temas de que tratava o folhetim, diz o mesmo autor que ele era "*um artigo de rodapé sobre as questões do dia – políticas, sociais, artísticas, literárias"* [23] e, como veremos adiante, no caso de Machado de Assis, religiosas também.

Assim, não surpreende que temas como espiritismo e Guerra do Paraguai façam parte do temário de suas crônicas.

O que surpreende é a contemporaneidade de suas citações, pois o espiritismo foi citado pela primeira vez em uma crônica em 1865, ou seja, 10 anos antes de O Livro dos Espíritos, obra básica da doutrina, ter sido publicado no Brasil, e 19 anos antes da institucionalização da doutrina com a criação da FEB (Federação Espírita Brasileira) em 1884.

Quanto à Guerra do Paraguai, interessado que era no que ocorria a sua volta, Machado de Assis não deixou de comentar e discutir os acontecimentos relativos às questões da Bacia do Rio da Prata, à medida que estes iam ocorrendo. Escrevendo semanalmente, o escritor e jornalista repassava os acontecimentos da semana, e por isso, várias são as crônicas que falam sobre os conflitos anteriores à guerra e posteriormente sobre o conflito armado.

Embora tão díspares e de natureza completamente diferentes, estes dois assuntos, espiritismo e Guerra do Paraguai, acabaram tendo um ponto de confluência nas páginas da crônica de Machado de Assis.

---

[23] CANDIDO, Antonio. , "*A vida ao rés do chão."* In: Antônio Cândido *et al " A crônica: o gênero,sua fixação e suas transformações no Brasil."* Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1992, p.14-15.

A Guerra do Paraguai é considerada o conflito mais sangrento ocorrido na América do Sul no século XIX. A declaração de guerra ao Brasil e posteriormente à Argentina, feita pelo Paraguai de Solano Lopez, deu origem a um conflito sem precedentes na história e com conseqüências terríveis ao próprio Paraguai.

Após uma série de conflitos diplomáticos que não me cabe aqui relatar, em abril de 1865 as tropas paraguaias invadem a província argentina de Corrientes. Diante desta situação, em maio de 1865, forma-se a Tríplice Aliança, com Brasil, Argentina e Uruguai lutando contra o Paraguai.

Machado de Assis, durante os primeiros anos de conflitos na Bacia do Prata, publica uma série de crônicas, a maioria destas crônicas enaltecendo a bravura dos soldados, citando que o que está em jogo naquele momento é a honra nacional, entre outras expressões patrióticas.

Expressões como "*o coração nacional não morreu*", " *os atos de amor à Pátria*" e " *o valor do exército brasileiro*" estão presentes em suas crônicas na mesma medida em que estão as expressões de repúdio e até mesmo ironia a Solano Lopez e aos soldados paraguaios.

No dia 3 de janeiro de 1865, diz Machado de Assis:

> "*Vinga-se atualmente no campo da ação a honra nacional. O valor do exército brasileiro não está fazendo as suas provas, já as fez; e já foi consagrado naquelas mesmas regiões... A consciência da justiça que anima nossos soldados é já um penhor de vitória.* [24]

Estas crônicas chamaram a atenção de um grupo de espíritas, ou de um espírita, que resolveu enviar ao escritor uma carta com o resultado de uma sessão.

No início de 1865, o escritor e jornalista Machado de Assis recebe, da parte de um espírita que ele não diz quem é uma carta contendo previsões sobre a Guerra do

[24] ASSIS, Machado de. *Obra Completa.* Rio de Janeiro: Editora José Aguilar, 1959, vol. II, p. 261.

Paraguai, previsões estas que teriam sido recebidas através de um médium durante uma sessão espírita. [25]

No dia 21 de março do mesmo ano, ao comentar a assinatura do convênio de paz que colocava fim ao conflito armado em Montevidéu, Machado de Assis traz à tona as previsões recebidas por ele. E começa deixando claro que não acredita no espiritismo.

> *Não sabemos se o leitor crê ou não crê no espiritualismo. Pela nossa parte, nunca prestamos fé a essas superstições, apesar de conhecermos algumas pessoas para quem o espiritualismo é uma verdade incontestável e uma ciência adquirida. Um dessas pessoas, muito antes da notícia do convênio, remeteu-nos uma folha de papel, contendo o resultado de duas sessões de espiritualismo, nas quais algumas profecias foram feitas relativamente à guerra do Sul.*
>
> *Uma dessas profecias dizia assim:*
>
> *' Montevidéu começou a ser bombardeada no dia 9 do corrente mês; no dia 14 ainda se sustentava, apesar dos horríveis estragos sofridos; mas dentro de poucos dias se renderá. '*
>
> *Daí a dias a notícia do célebre convênio de paz, com o qual só se bombardeou a dignidade nacional.* [26]

"A*pesar de conhecermos algumas pessoas...*" esta frase nos indica que em 1865 o espiritismo já era assunto conhecido na corte carioca e que havia pessoas que já se declaravam abertamente espíritas. Também nos indica que Machado de Assis muito provavelmente sabia de quem se tratava, mas preferiu guardar para si o nome do remetente.

Quem seria o incógnito remetente das profecias?

Ubiratan Machado aponta duas personalidades possíveis: Casimir Lieutaud, que a exemplo de Machado de Assis também freqüentava o Corrier du Brésil, ou o historiador Melo Moraes, que durante certo tempo realizou sessões espíritas em sua casa.

---

[25] Boa parte dos dados sobre este caso foi extraída da já citada obra de Ubiratan Machado, *Os Intelectuais e o Espiritismo.* Repetimos aqui estas informações, procurando, todavia, reformulá-las e ampliá-las, por julgar indispensável ao bom entendimento do texto.
[26] ASSIS, Machado de. *Op.cit.* p.333.

Uma das possibilidades também é a de que Machado de Assis tenha travado conversações com espíritas na livraria Garnier, que ficava ao lado do Jornal do Comércio, ponto de encontro da época e que ele costumava freqüentar com regularidade. Em 1875, foi a Livraria Garnier que publicou a primeira edição brasileira de O Livro dos Espíritos.

Porém, mais importante que saber quem enviou tais previsões, é reconhecer que naquele momento, 10 anos antes da publicação de O Livro dos Espíritos no Brasil, os espíritas já se arriscavam a tornar públicas suas psicografias o que mostra que o movimento espírita não era tão recente assim.

A data de 1860 foi durante muito tempo convencionada como de início das atividades espíritas no Brasil, porém, isso não quer dizer que antes disto não se falava de espiritualidade, de outros mundos, de outras vidas. Antes que as obras de Kardec chegassem ao Brasil, outras obras já haviam sido publicadas com temas correlatos.

O primeiro destes livros foi publicado pelo Marques de Maricá em 1844, e, embora não fosse assumidamente espírita, uma vez que a doutrina ainda não havia sido organizada e publicada por Allan Kardec e, portanto, o termo espiritismo ainda não estivesse em voga, trazia temas como reencarnação, progresso espiritual, pluralidade dos mundos e até mesmo socialismo. Este livro, sob o título de *Obra Completa*, continha um apanhado de *Máximas*, escritas pelo Marques de Maricá ao longo de anos. E mesmo não tenho encontrado ao que tudo indica nenhuma receptividade na sociedade carioca, serve para ilustrar como o tema já era debatido bem antes da data de 1860.

As razões para o fracasso das idéias do Marquês, segundo Sylvia Damazio, estariam no fato de, primeiro, o texto não conter idéias originais, mas sim ser uma compilação de idéias já há algum tempo em circulação na Europa; essas idéias poderiam muito bem ser associadas a qualquer um dos membros do *Cercle Social*, grupo de místicos revolucionários europeus que iniciou suas atividades em 1790 e que pretendia estabelecer uma Confederação Universal de Amigos da Verdade[27], discutindo as

---

[27] DARTON, Robert. *O Lado Oculto da Revolução: Mesmer e o Final do Iluminismo na França.* São Paulo: Companhia das Letras, 1988, p.115 *apud* DAMAZIO, Sylvia F. "*Da elite ao povo: advento e expansão do espiritismo no Rio de Janeiro"*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1994, pág. 76.

diferentes correntes espiritualistas e cientificistas da época, inclusive o magnetismo animal pregado por Mesmer.[28]

Em segundo lugar, e talvez principalmente, o fato de o Marquês juntar em suas máximas socialismo e reencarnação, temas que, tanto Sylvia Damazio quanto Ubiratan Machado concordam, encontraram um ambiente imaturo para sua discussão. Somente anos mais tarde estes temas entrariam nas discussões, mas por essa época o Marques já havia partido para verificar pessoalmente a existência de outros mundos, uma vez que em 1860, quando as idéias espíritas ganharam força, ele já havia falecido.

É claro que essas *Máximas* não tinham o rigor acadêmico da codificação de Kardec, mas é interessante notar que as idéias e preceitos depois incorporados ao ideário espírita começaram a ser divulgados no Brasil muito antes das obras oficiais do espiritismo. E isso não foi privilégio do Brasil, em países como França e Estados Unidos, outras obras com esses temas também foram publicadas antes de Kardec.

Nos Estados Unidos, aliás, é que todo o movimento espírita teve início, a partir do caso das irmãs Fox.

Segundo Conan Doyle, em 1848, em Hydesville, a família Fox havia se mudado para uma casa onde estranhos barulhos os atormentavam à noite. Numa dessas noites Kate, a mais nova, desafiou os sons que ouvia a repetir as batidas que ela dava com as mãos. Os sons se repetiram de pronto, não só com Kate, mas com os outros membros da casa, e através dessas batidas, a família soube que uma pessoa havia sido morta e enterrada na casa, o que ficou comprovado com o encontro de uma ossada humana no porão. Segundo as comunicações feitas através de ruídos nas paredes, para os quais as irmãs Fox criaram um sistema de identificação, souberam que se tratava de Charles Ryan, um mascate que fora assassinado naquela casa por pessoas que o roubaram. O caso teve uma imensa repercussão, a comunidade local acorreu à casa da família Fox, e uma comissão foi designada para investigar o caso. [29]

---

[28] O cientista Franz Anton Mesmer pregava a cura de doenças através do uso das correntes eletro-magnéticas, às quais ele deu o nome de magnetismo animal. Usando o sonambulismo, o magnetizador curava doenças através desse fluído magnético que, segundo ele, corria em todos os corpos. Suas idéias alcançaram grande repercussão e uma legião de seguidores e foram o ponto de partida para as experiências que posteriormente formaram a base do espiritismo codificado por Allan Kardec.

[29] Dados extraídos de DOYLE, Artur Conan. *História do espiritismo.* São Paulo, Pensamento, 1960.

As irmãs Fox se apresentaram em vários lugares, e já não era mais Charles Ryan, mas uma diversidade de entidades que se manifestavam através de sons e ruídos. Elas chegaram a ir para a Europa para realizar apresentações, ao passo que novos casos de comunicação também apareceram em várias outras partes do mundo e as primeiras reuniões em torno das manifestações espíritas começaram a acontecer.

Na França este tipo de experimento virou uma febre, um hobby, e é a partir daí que surge o interesse pelas experiências de comunicação com os mortos que levam Allan Kardec, pseudônimo do pedagogo Hippolyte Léon Denizard Rivail, a investigar e registrar suas observações e os resultados das muitas sessões de comunicação das quais participou, compilando todas elas, na forma de perguntas e respostas no Livro dos Espíritos, fundando o espiritismo propriamente dito.

A partir da França, o movimento chega rapidamente ao Brasil. Curiosamente, o espiritismo chega primeiro ao Rio de Janeiro, onde, ao que tudo indica, num primeiro momento não alcançou grande repercussão popular e nem mesmo chegou a ter muitos problemas com a Igreja Católica. Como observou Sylvia F. Damazio:

> *Talvez pelo prestígio dos imigrantes franceses, talvez pela pouca receptividade à nova doutrina no Rio de Janeiro, o fato é que a Igreja Católica não fez grande carga contra o espiritismo no decorrer dos anos 60, apesar do seu empenho em estigmatizar os ateus e os espiritualistas ecléticos. Por outro lado, passado o entusiasmo inicial, o interesse do grupo francês pela novidade arrefeceu*[30].

Na Bahia, ao contrário, o espiritismo se organiza, grupos são formados, sendo o primeiro deles o "*Grupo Familiar de Espiritismo*", fundado em 1865 sob a direção de Olímpio Teles de Menezes. E lá sim, desde o início, os espíritas passam a sofrer com os ataques do clero. O arcebispo da Bahia, D. Manuel Joaquim de Almeida, redige uma longa Pastoral, publicada em 25 de julho de 1867, em que atacava duramente o espiritismo. A partir daí a polêmica entre os dois grupos se instala e a cada nova investida da Igreja Católica correspondia uma nova resposta do grupo baiano.

---

[30] DAMAZIO. Sylvia F. "*Da elite ao povo: advento e expansão do espiritismo no Rio de Janeiro*". Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1994, p.66.

Para este estudo, interessa analisar a expansão da doutrina espírita na Corte carioca, por se tratar do local onde as crônicas de Machado de Assis foram publicadas e onde o espiritismo terminou por institucionalizar-se com a criação da FEB em 1884. Por isso, o espiritismo da Bahia não será incluído nessa pesquisa, interessando apenas esse ponto de discórdia entre espíritas e católicos que acabou por reascender o interesse pela nova doutrina na corte, como diz Damazio:

> *O movimento espírita na Bahia, em seus primórdios, pela ação apostólica de seus membros e pela repressão que acarretou, chamou a atenção do restante do país e concorreu para propagar o Espiritismo, especialmente na Corte, onde o grupo francês voltou a dedicar-se às sessões de efeitos físicos. Por essa época, a doutrina já era do conhecimento da intelectualidade brasileira e já havia conquistado admiradores e praticantes.* [31]

Os adeptos do espiritismo passaram a usar os jornais da época para divulgar suas experiências, e os ensinamentos de sua doutrina. O que, aliás, não é privilégio do grupo carioca, visto que também o grupo baiano utilizou, e muito, a mídia impressa para divulgar suas idéias. Desde o início, os dois grupos, o carioca e o baiano, buscam na literatura o ponto de divulgação da nova doutrina.

> *Fazendo da literatura, ou melhor, da escrita, o principal instrumento de divulgação da doutrina de Allan Kardec, estes dois grupos foram responsáveis pela edição do primeiro periódico espírita brasileiro, Echos de Além-Túmulo, lançado na Bahia em 1865, e pela publicação, em 1860, do primeiro livro espírita editado no Brasil. Este, lançado no Rio de Janeiro, trazia a marca da língua culta do país: foi publicado em francês. Denominado Les temps sont arrivés, foi escrito por Casimir Lieutaud, diretor do Colégio Francês, o mais renomado da Corte.* [32]

Na mesma época, Casimir Lieutaud publica também *"O Espiritismo na sua expressão mais simples"*. Esses livros e o periódico baiano foram as primeiras publicações espíritas da época e, se não alcançaram de pronto a aceitação por parte imprensa ou mesmo da população, abriram a porta para que o espiritismo entrasse em terras brasileiras.

Casimir Lieutaud e Luis Olimpio Teles de Meneses, aliás, eram amigos e trocavam correspondências. A defesa apaixonada dos ideais espíritas promovida na Bahia por

---

[31] Idem, ibidem, p.67.
[32] STOLL, Sandra Jacqueline. *Espiritismo à brasileira.* São Paulo, Edusp, p.50.

Meneses certamente teria influenciado o amigo francês e o encorajado a também publicar suas obras.

Quanto a Machado de Assis, se ele e Casimir Lieutaud se conheciam do *Corrier du Brésil,* onde os dois eram freqüentadores assíduos, é muito provável que ele, Machado, tenha tido acesso às obras do amigo, e, embora não tenha se convertido, estava familiarizado com os preceitos e práticas da doutrina.

Não causa nenhum espanto, portanto, que Machado de Assis se refira ao espiritualismo (forma como o espiritismo era chamado no início) de forma tão trivial, embora na crônica citada acima bem como nas outras publicadas anos depois, faça questão de deixar claro que não acredita na nova doutrina, que para ele não passava de superstição. E tanto não crê que faz questão de deixar claro que, para ele, as previsões não passavam tudo de indução lógica dos fatos.

Assim termina a crônica:

> "*A maior parte dos acontecimentos anunciados pelo espiritualismo não eram predições, eram induções. Quase todos eram a conseqüência provável dos fatos conhecidos. O bombardeamento de Montevidéu estava no caso. A atitude da praça, a tenacidade dos chefes, a surdez do governo oriental, tudo fazia crer no ataque, nada fazia crer no convênio. Era indução lógica. Mas estará neste caso a seguinte profecia da mesma sessão: - 'Caxias vai para o Paraguai? '- Limitamo-nos a este ponto de interrogação.*[33]

Isto é tudo o que Machado de Assis publica sobre o fato.

A previsão de que o duque de Caxias iria ao Paraguai, e que Ubiratan Machado chama de surpreendente, confirmou-se efetivamente seis meses depois, quando a guerra estava num estágio sangrento, mas Machado de Assis nunca mais tocou neste assunto em sua coluna.

Interessante é notar que esse seu silêncio também se refere à guerra. Se a princípio as crônicas davam a entender que ele a apoiava, com o passar do tempo este assunto deixa de ser abordado em seus escritos. Mas, esse "silêncio" pode significar que o autor mudou de opinião sobre o conflito, deixando de apoiá-lo? Difícil dizer.

---

[33] ASSIS. Machado de. *Obra completa.* Rio de Janeiro: Editora José Aguilar, 1959, vol. III, p.333.

Para Gledson, comentando a argumentação de Magalhães Junior em "*Machado de Assis desconhecido"* de que Machado de Assis apoiava a guerra, as crônicas da década de 1860 realmente indicam esse apoio, mas indicam, sobretudo, que ele apoiou a guerra antes da invasão do Paraguai, quando os conflitos estavam restritos às questões uruguaias. Para ele, não há nenhum indicativo explícito de que Machado de Assis apoiou diretamente a guerra da Tríplice Aliança. [34]

Um outro ponto interessante é a peça escrita por Manuel de Araújo Porto Alegre em 1866, homem de grande prestígio na Corte. Intitulada *Os voluntários da pátria*, a peça seria como tantas outras encenadas naqueles tempos difíceis em que países vizinhos guerreavam entre si, não fosse por um detalhe, um significativo detalhe: havia na peça uma personagem, Dona Alexandrina, que era médium e tinha visões dos acontecimentos à distância, além de ver a aura das pessoas.

A essa altura, porém, o espiritismo já era alvo de muitas críticas, sendo as mais comuns as acusações de que seus adeptos eram loucos ou seguidores do demônio. Provavelmente por isso, o autor classifica a personagem como sonâmbula, fazendo uma espécie de apologia do magnetismo, que era pesquisado como fenômeno científico.

Ubiratan Machado ressalta que o interesse de Porto Alegre pelo espiritismo já datava de algum tempo, (de acordo com os cálculos feitos por ele, pelo menos há três anos), visto que em 1863 ele teria recebido do próprio Allan Kardec um exemplar da *Revue Spirite*[35], principal veículo de divulgação da doutrina na França. Seu interesse pelo espiritismo aumentou a ponto dele, Porto Alegre, participar juntamente com sua família, de várias sessões de psicografia com o médiun brasileiro Dr. Calazans. O ano era 1865 e ele estava tão confiante na nova doutrina que decidiu instruir um amigo seu:

> *Em dezembro deste ano, numa longa carta de doze páginas, queixava-se a Joaquim Manuel de Macedo de estar sem "médio de escrita" e saciava a curiosidade do autor de A moreninha, instruindo-lhe em como descobrir um médiun e lidar com os*

[34] GLEDSON, John. *Machado de Assis: impostura e realismo.* São Paulo: Companhia das Letras, 1991, p.127.
[35] MACHADO, Ubiratan. *Os intelectuais e o espiritismo: de Castro Alves a Machado de Assis..* Niterói: Lachartre, 1996, p.77.

> *espíritos. Uma autêntica aula de iniciação, onde aproveitava para contar seus diálogos com o além e as constantes evocações do espírito de Gonçalves Dias. [...] E confidenciava uma saborosa indiscrição [...] ao tomar conhecimento de suas experiências, a princesa Isabel lhe pedira para saber quem era seu protetor.* [36]

Sua confiança, porém estava restrita a seu circulo de amigos, que certamente tolerariam sua nova crença, mesmo que não concordassem com elas; ao passo que divulgá-las explicitamente em sua peça seria o equivalente a assinar um atestado de demência ou de heresia e colocaria em risco seu prestígio e sua moral.

Já Machado de Assis, apesar de como vimos provavelmente também ter tido acesso às obras e ter como amigos e colegas de profissão adeptos do espiritismo, vai se manter, com exceção desta crônica de 1865, distante do meio espírita por um bom tempo. Somente anos mais tarde ele voltaria a falar em espiritismo, usando elementos da doutrina no enredo de alguns de seus contos, conforme veremos no próximo capítulo.

1.3 As primeiras notas na imprensa.

Na década de 1870 a doutrina espírita volta ao Rio de Janeiro, onde ganha maior repercussão, com a "febre das mesas girantes[37]" e a fundação de diversos grupos espíritas, conforme veremos mais adiante. Nesta nova fase, o espiritismo alcança um número maior de adeptos e passa a envolver pessoas de renome e que usam como ferramenta de divulgação, como já vimos, a imprensa.

A imprensa carioca, de uma forma geral, também demonstrou desde cedo seu interesse pelos novos fenômenos cujas notícias vinham da Europa. Em 1852, ou seja, 23 anos

---

[36] *Idem, ibidem*, p.78.

[37] As mesas girantes, nome pelo qual ficou conhecida a forma mais popular de comunicação com os espíritos na época, consistia em reunir em torno de uma mesa duas ou mais pessoas que, de mãos dadas, invocavam espíritos que respondiam com pancadas, saltos ou giros da mesa. Havia também quem colocasse uma cesta com um lápis preso e, através da corrente formada, esperavam que o lápis escrevesse. Esse tipo de fenômeno virou, na segunda metade do século XIX, uma verdadeira mania nos salões cariocas.

antes da publicação de O Livro dos Espíritos, primeira obra de Kardec, o *Jornal do Comércio*, o *Correio Mercantil* e o *Diário do Rio de Janeiro* publicaram várias matérias, cartas ou anúncios sobre o *magnetismo animal de Mesmer,* precursor das manifestações espíritas.

Geralmente esse material era publicado através de matérias pagas, ou "publicações a pedido". Uma dessas, assinada por José Hilário Teixeira de Coelho de Miranda, diz o seguinte:

> *O magnetismo está hoje muito propagado na Europa, por meio dele se tem feito maravilhosas curas, graças àqueles grandes homens que não temendo o ridículo que a princípio acovardava os que nele acreditavam, começaram a praticá-lo, a ensiná-lo e a escrever sobre ele.* [38]

Entre essas pessoas citadas por Miranda, estavam abolicionistas, maçons e republicanos. Em 14 de fevereiro de 1871, Octaviano Hudson publica no jornal *A República* o poema "Espiritismo". Este jornal era bastante liberal para a época e abriu suas portas às novas correntes de idéias surgidas no século XIX. Como o próprio nome já indica, seus colaboradores apoiavam o fim da monarquia e lutavam pela instalação do novo regime. Ali, nesse órgão republicano, conviviam Saldanha Marinho, Antônio Silva Neto e Bittencourt Sampaio. Segundo Ubiratan Machado, nem só de ideais republicanos se falaria ali:

> *Nas conversas de redação e nas reuniões republicanas, os três moços, forçosamente, conviveriam. E nem só da sonhada queda da monarquia e da abolição da escravatura se falaria. Todos eram intelectuais abertos aos problemas contemporâneos, mas nenhuma deles revelou jamais qualquer monomania republicana, Assim, os assuntos tratados seriam muitos. Inclusive, o espiritismo.* [39]

---

[38] Correio Mercantil, 25 de dezembro de 1852. *In:* WEGUELLIN, João Marcos. *Memória Espírita. Papéis Velhos e Histórias de Luz.* Rio de Janeiro: Edições Leon Denis, 2005, p. 60.
[39] MACHADO, Ubiratan. *Os Intelectuais e o Espiritismo: de Castro Alves a Machado de Assis,* Niterói: Lachartre, 1996, p. 113.

Com esta liberdade de tratar sobre qualquer assunto no grupo, Octaviano Hudson aproveitou as páginas de *A República* para publicar seu poema, o qual transcrevemos abaixo:

Silêncio! Cantam os anjos

Nos degraus do trono santo?

Enquanto as almas errantes

Derramam dolente o pranto!

Não tenho a luz que iluminou a mente

Ardente e lúcida de teu irmão poeta

Sei, que morrendo se esvaiu com ele

Nas glórias pátrias a famosa meta.

Embalde tentas me chamar a campo

Donde me acho a repousar dormente

Alma ilustrada, associada a outras

Comigo o fado lamentou e sente.

Foi do Eterno receber no seio

O santo preço do sofrer na Terra,

Arca de dotes de harmonias caras,

Sua alma pura no Empíreo encerra.

Dos astros que luzem

Com tanto esplendor,

Eu sou soberano,

Sou astro de amor!

Nas almas

Mais calmas

Impera constante

Meu ser cintilante!

E qual sensitiva

Que furta-se a mão

Medrosa e esquiva,

Assim do vivente

Meu rosto amoroso

Se vela fulgente!

[...]

Recheado de alusões à doutrina, como *"almas errantes" e "sensitiva",* não se sabe se este poema suscitou polêmica ou não, mas ele serve de base para mostrar como os espíritas já não se importavam em demonstrar abertamente sua fé.

Posteriormente, quando as mesas girantes viram uma febre na corte carioca, os jornais passam a publicar dezenas de matérias sobre o fenômeno, nem todos a favor desse novo hobby que havia se instalado entre a elite.[40]

Em 1874, por exemplo, o jornal do Comércio publica matéria em que critica a nova forma de crença e a acusa de fazer loucos:

> *[...] vem a propósito passar a um assunto grave e tristonho: o da influência do Espiritismo, que vai-se generalizando de modo assustador. O Espiritismo vem produzindo loucos. É uma epidemia mais perigosa que a febre amarela. De tempos em tempos vem-nos a notícia de que de que mais uma vítima tombou no abismo. Uns fetiches asiáticos e outros africanos exigiam sangue, Allan Kardec exige a razão. [...] Fizeram de Allan Kardec um Deus e é um Deus de sombras que vai envolvendo em trevas e na dúvida a todos os princípios de moral e religião.* [41]

Como se vê, havia uma parte da imprensa bastante contrariada com a expansão do espiritismo na Corte Carioca. A idéia de que espiritismo produzia loucos parece ser um consenso na época e o próprio Machado de Assis vai dizer isso em algumas de suas crônicas.

A rapidez da expansão da doutrina espírita no Rio de Janeiro surpreendeu o cronista Paulo Barreto, o João do Rio, que em seu livro *"As Religiões do Rio*", diz que "*nas rodas mais elegantes, entre sportsmem inteligentes, lavra o desespero das comunicações espíritas, como em Paris o automobilismo".* [42]

---

[40] Para mais informações sobre a difusão da prática das "mesas girantes" e as matérias publicadas nos jornais cariocas, ver o trabalho já citado de Giumbelli.
[41] *Jornal do Comércio*, 13 de dezembro de 1874.
[42] BARRETO, Paulo (João do Rio), *As Religiões do Rio*. Disponível em http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bi000185.pdf Acesso em 10 de abril de 2005.

Machado de Assis não mostra sinais de simpatia pela nova doutrina, mas, a publicação desta crônica em 1865 nos mostra que o autor a conhecia, o que nos leva a crer que teve contato com seus preceitos antes do envio das previsões.

Após esse fato, porém, o escritor vai deixar por muito tempo o assunto espiritismo de lado, só retornando a ele em 1876 com a publicação, no *Jornal das Famílias,* do conto "*Uma Visita de Alcibíades"*, uma história recheada de elementos espíritas e marcada pela ironia característica de Machado de Assis.

No próximo capítulo, além do conto mencionado, trataremos da análise de outros contos machadianos em que aparecerem elementos espíritas, como por exemplo, *"A Segunda Vida", " A Cartomante"* e " *A Idéia de Ezequiel Maia"*, entre outros.

Capítulo 2

2.1 A loucura como resultado da crença.

No Livro dos Espíritos, obra básica da doutrina espírita, a questão de número 392 diz o seguinte:

> *Por que perde o espírito encarnado a lembrança de seu passado?*

E a resposta:

> *Não pode o homem, nem deve, saber tudo. Deus assim o quis em sua sabedoria. Sem o véu que lhe oculta certas coisas, ficaria ofuscado, como quem, sem transição, saísse do escuro para o claro. Esquecido de seu passado, ele é mais senhor de si.* [43]

O esquecimento das vidas passadas é um dos preceitos da doutrina espírita. O homem deve reencarnar sem se lembrar de quem foi em sua vida passada para que possa expurgar na encarnação presente os erros que porventura tenha cometido em outras vidas, sem lembrar-se das lutas e provas pelas quais passou, pois, segundo a codificação de Allan Kardec, se lhe fosse dado lembrar-se de tudo, perderia o mérito pelas conquistas da nova vida.

Um dos personagens de Machado de Assis, José Maria não faz caso desse ensinamento e teima em nascer com a lembrança de sua vida passada. Esse é o ponto de partida do conto "*A Segunda Vida*", incluído posteriormente no livro Histórias sem Data.

---

[43] Kardec, Allan. *O Livro dos Espíritos.* Tradução de Salvador Gentile, revisão de Elias Barbosa. Araras: IDE, 1995, p. 181.

A história se passa na sala de Monsenhor Caldas, para quem José Maria narra seus infortúnios. O padre, logo de início reconhece nele um louco, e pede a seu criado que chame a polícia.

Enquanto a polícia não chega, o padre ouve José Maria, que vai narrando história:

> *Como ia dizendo a Vossa Reverendíssima, morri no dia vinte de março de 1860, ás cinco horas e quarenta e três minutos de manhã. Tinha então sessenta e oito anos de idade. Minha alma voou pelo espaço, até perder a terra de vista [...]* [44]

Curiosa mente, José Maria morre em 1860, a data mais usada para determinar a chegada do espiritismo no Brasil e quando se registram as primeiras reuniões, a maior parte delas secreta, apenas para iniciados.

Antes dessa data, os magnetizadores já haviam divulgado bastante seu trabalho e as notícias das mesas girantes já chegavam da Europa. Allan Kardec publicou *O Livro dos Espíritos* em 1857, na França, e logo a notícia desse lançamento chegou ao Brasil.

Estudantes brasileiros e pessoas abastadas em viagem à Europa, ao que tudo indica, traziam a obra de Kardec em sua bagagem na volta, divulgando entre a elite a nova doutrina.

Também nesse ano de 1860, como já dissemos no capítulo anterior, Casimir Lieutaud, diretor do prestigiado Colégio Francês, publica "*Les temps son arrivés",* verdadeira profissão de fé publicada em nossas terras, porém, escrita na língua pátria de seu autor.

Estes fatos servem para nos mostrar que no ano em que o fictício José Maria morria, o espiritismo dava seus primeiros passos no Brasil e Machado de Assis, atento que era a tudo o que acontecia ao seu redor, não deixou de incluir o assunto em seus textos.

No conto em questão, nosso amigo José Maria continua narrando sua incrível história. Ele morreu, subiu aos céus, ali encontra Jó, por meio de quem fica sabendo que havia completado mil encarnações, ou, como ele diz, um milheiro de almas, e como prêmio,

---

[44] ASSIS, Machado de. *Obra Completa.* Rio de Janeiro: Editora José Aguilar, 1959, Vol. II, p.433

deveria reencarnar novamente, podendo até mesmo escolher se quer nascer príncipe ou condutor de ônibus, rico ou pobre.

Embora relutante no início, ele aceita renascer, mas faz uma exigência: quer nascer experiente. E explica por que:

> *Fui vítima da inexperiência, Monsenhor, tive uma velhice ruim, por essa razão. Então lembrou-me que sempre ouvira dizer a meu pai e outras pessoas mais velhas, quando viam algum rapaz: - "Quem me dera aquela idade, sabendo o que sei hoje!"Lembrou-me isto, e declarei que me era indiferente nascer mendigo ou potentado, com a condição de nascer experiente. Jó, que ali preside a província dos pacientes, disse-me que um tal desejo era disparate;mas eu teimei e venci.Renasci no dia cinco de janeiro de 1861. Não lhe digo nada da meninice, porque aí a experiência teve só uma forma instintiva. Mamava pouco, chorava o menos que podia para não apanhar pancada.* [45]

E o conto continua, narrando a confusão que se tornou a vida de José Maria, tomado pelo medo advindo das lembranças da outra vida. Não chorava quando criança para não apanhar, não come em uma festa por que se lembra de duas indigestões que teve na outra vida, tem medo de se casar e ter filhos aleijados...

Por fim se casa, mas em tudo está presente o medo, as lembranças ruins da outra vida o atormentam. Diz ele ao Monsenhor Caldas que essa sua segunda vida é "*assim uma mocidade expansiva e impetuosa, enfreada por uma experiência virtual e tradicional. Vivo como Eurico, atado ao próprio cadáver".* [46]

Sem saída, José Maria deixa-se dominar pelo medo, pelas lembranças da vida passada e acaba por transformar sua vida e a da esposa num tormento.

Monsenhor Caldas não deixa de admirar sua imaginação, mas percebe que José Maria, apesar da eloqüência, traz claros sinais de loucura e delírios.

Quanto mais comenta sua triste sina, mais se altera. Por fim, no auge do delírio, quando já estava para avançar no padre, ouve-se pelas escadas passos e sons de espadas. José Maria vai preso.

---

[45] ASSIS, Machado de. *Loc. cit.*
[46] *Idem, ibidem*, p. 434.

Este conto, não traz em nenhum momento a palavra "espiritismo", mas traz elementos claramente espíritas: a reencarnação, o esquecimento do passado, o resgate das faltas cometidas em vidas passadas - e das quais José Maria tem tanto medo de ter que enfrentar. Machado de Assis buscava mostrar a questão das várias vidas do seu ponto de vista, recheando tudo com a mais fina ironia. De que adiantava lembrar-se da vida passada, se essas lembranças tolhiam qualquer aventura na vida presente?

O espiritismo ensina que a alma não deve se lembrar de sua encarnação passada para o seu próprio bem, e Machado de Assis, embora ao que tudo indica quisesse criticar a doutrina, mostrando que seus adeptos podiam facilmente descambar para a loucura; acaba por, indiretamente, confirmar que Kardec está certo nesse ponto, pois, se José Maria enlouqueceu com as lembranças de vida passada que lhe atormentavam a existência presente, isto prova que é melhor que o homem não se lembre de nada.

Aqui temos um interessante paradoxo: apesar da crítica embutida na questão da loucura de José Maria, Machado de Assis termina por concordar com os ensinamentos de Kardec, indiretamente. Por isso, fica claro que mais que criticar, sua intenção era a de dialogar, questionar.

Em um outro conto machadiano, o personagem principal, Ezequiel, traz sinais ainda mais claros de total demência.

O conto, publicado originalmente em 1883 no jornal *A Gazeta de Notícias,* chama-se "*A idéia do Ezequiel Maia"* e nele o personagem principal é seguramente um lunático, que acredita que tudo não passa de ilusão do espírito. Os corpos, a comida, tudo que era matéria não passava de ilusão, somente o espírito era verdadeiro.

Seus amigos o consideram um louco e Machado diz que esta loucura não foi repentina, ela veio devagar, à medida que Ezequiel foi se aventurando nas novas superstições.

> *A opinião dos amigos era que este homem tinha o juízo a juros naquele banco que nunca paga os juros e, quando pode, guarda o capital. Parece que sim; parece também que ele não tocou de um salto o fundo do abismo, mas escorregando, indo de uma restauração da cabala para outra da astrologia, da astrologia à quiromancia, da quiromancia à charada, da charada ao espiritismo, do espiritismo ao niilismo idealista. Era inteligente e lido, formara-*

> *se em matemáticas, e os professores desta ciência diziam que ele a conhecia como gente.* [47]
>
> .

A inteligência, porém, não salvou Ezequiel do abismo, da loucura. As etapas percorridas por ele vão levando-o pouco a pouco a perder o juízo e, crendo que tudo era ilusão, resolve buscar uma saída para essa situação.

Com um profundo sarcasmo, Machado de Assis diz que Ezequiel, depois de muito refletir, achou uma saída para abstrair-se da ilusória realidade material a qual estava preso. Para tanto, bastava abstrair-se pelo nariz. E explica como:

> *Consistia em fincar os olhos na extremidade do nariz, à maneira do faquir, embotando a sensibilidade ao ponto de perder toda a consciência do mundo exterior. Cairia então o véu ilusório das coisas; entrar-se-ia no mundo dos espíritos. Dito e feito. Ezequiel metia-se em casa, sentava-se na poltrona, com as mãos espalmadas nos joelhos, e os olhos na ponta do nariz. Pela afirmação dele, a abstração operava-se em vinte minutos, e poderia fazer-se mais cedo, se ele não tivesse o nariz tão extenso.* [48]

Ezequiel passa horas, dias assim abstraído e sua família, sabendo do estado patológico em que se encontrava este membro, deixava-o assim, uma vez que acordá-lo seria vê-lo agitar-se novamente em suas conjecturas.

Ezequiel diz a seus amigos que, uma vez assim abstraído, poderia conversar com qualquer espírito, diretamente e durante seis meses de outra coisa não se ocupou. Primeiramente, ele percorre toda a Terra e os planetas, absorvendo tudo, saciando sua curiosidade. Em seguida, vai analisar o espírito das pessoas que o cercam e posteriormente dos moradores do distrito e da capital.

E continua o narrador:

> *No quarto mês empreendeu um estudo que lhe comeu cinqüenta e seis dias: achar a filiação das idéias e remontar à primeira idéia do homem. Escreveu sobre este assunto uma extensa memória, em que provou a todas as luzes que a primeira idéia do homem foi o círculo, não sendo o homem simbolicamente outra coisa: - um círculo lógico,*

---

[47] ASSIS, Machado de. *Obra Completa.* Rio de Janeiro: Editora José Aguilar, 1959, Vol. II, p. 893.
[48] ASSIS, Machado de, *loc. cit.*

se o considerarmos na pura condição espiritual; e se o tomarmos com o invólucro material, um círculo vicioso. [49]

Desta descoberta Ezequiel parte para outra, ainda mais fantástica, conquanto mais delirante. Esta descoberta partiu da observação feita por ele no sexto mês de sua experiência, quando resolveu analisar o espírito de dois vizinhos seus, ambos parentes, na mesma faixa etária, casados e com filhos.

Um deles, o Neves, tinha uma vida abastada, vendera o negócio que possuía e vivia de renda. O outro, o Delgado, declarara falência três semanas antes.

Ezequiel narra a seus amigos as observações feitas e as conclusões a que chegara: Delgado era um homem atormentado por uma consciência extremamente escrupulosa, que não lhe perdoava a menor falta. Donde ele conclui que o Delgado "*possui o senso moral*".

Já o Neves cumpre todas as suas obrigações sociais, é bem visto pela sociedade, mas suas atitudes são regidas pela pura conveniência, em sua consciência ele não possui tantos escrúpulos assim, vivendo de acordo com o dito popular "ladrão que rouba ladrão tem cem anos de perdão".

E Ezequiel diz a seus amigos que seu objetivo agora é descobrir a razão de semelhante contraste entre a consciência do Neves (permissiva e até corrupta) e suas atitudes exteriores, sempre polidas e em busca da aprovação da sociedade. E quando descobrisse a razão desse contraste, dizia, haveria de formulá-la num grosso livro de trezentas páginas. Ou isso ou o suicídio.

Os amigos que o ouviam com algum interesse no início, vão embora consternados com a situação de Ezequiel, lamentando o desperdício do talento do amigo.

A loucura de José Maria e de Ezequiel parece fazer parte de certo consenso que havia entre os que criticavam o espiritismo na época: o de que o espiritismo tornava as pessoas loucas.

---

[49] *Idem, ibidem,* p.894.

O próprio Machado diz isso em uma de suas crônicas publicada no Diário do Rio de Janeiro em 7 de junho de 1889. Nesta crônica ele diz que seu amigo, José Basílio Moreira Lapa, espírita, enviou-lhe previsões feitas por ninguém menos que Nostradamus.

Esta crônica classifica o espiritismo por etapas. A primeira, na qual Machado de Assis diz estar seu amigo, seria aquela em que há uma inclinação ao obscuro, mas o indivíduo ainda dispõe de razão, o problema seria que nessa fase os espíritos respondem menos às evocações. E continua em sua análise:

> *A segunda fase do espiritismo é muito melhor. Depois de 4 ou 5 anos (prazo da primeira), começa a pura demência. Não é vagarosa nem súbita, um meio-termo, com este característico: o espírita, à medida que a demência vai crescendo, atira-se-lhe mais rápido.* [50]

E salienta que, para melhor resultado na evocação é preferível o maníaco ao são e o doido varrido ao maníaco, ou seja, quanto maior o grau de demência do evocador, mais prontamente os espíritos atendem aos chamados e melhor seria a comunicação.

Allan Kardec certamente já havia recebido esse tipo de acusações quando compilou as informações que resultaram em O Livro dos Espíritos, pois, no item XV da introdução do referido livro, Kardec defende a doutrina das acusações de que ela provocaria a loucura em seus seguidores:

> *Todas as grandes preocupações do espírito podem ocasionar a loucura: as ciências, as artes, a própria religião fornecem seus contingentes. A loucura tem por causa primeira uma predisposição orgânica do cérebro que o torna mais ou menos acessível a certas impressões (...) Digo, pois, que o Espiritismo não tem nenhum privilégio sob esse aspecto; mas, vou mais longe: digo que, bem compreendido, é um preservativo contra a loucura.* [51]

Por muito tempo, a questão da loucura fará parte das críticas contra o espiritismo, ao lado da questão dos médiuns receitistas, que provocou a perseguição da classe médica e

---

[50] ASSIS. Machado de. *Obra Completa*, Rio de Janeiro: Editora José Aguilar, 1959, volume III, p. 552.
[51] KARDEC, Allan. *O Livro dos Espíritos*. Tradução de Salvador Gentile, revisão de Elias Barbosa. Araras, SP: IDE, 1995, p.35.

dos embates com a religião católica. Em determinado momento de sua trajetória, o espiritismo recebeu a atenção dos mais diversos setores da sociedade. Como observou Giumbelli, o espiritismo constituiu-se, em certo momento, *"heresia" para um poder religioso, "fenômeno" para um poder científico, "crime" para um poder judiciário, "doença" para um poder médico e "notícia" para um poder jornalístico.* [52]

Machado de Assis se insere no grupo dos que consideravam o espiritismo uma 'notícia' e desta noticia ele se ocupou diversas vezes em sua carreira de cronista e escritor e, ainda que não fosse médico, também considerou o espiritismo uma doença, uma perturbação mental, e das mais severas, capaz de conduzir os acometidos por ela aos sanatórios.

A loucura é um tema central na obra machadiana. Diversos personagens seus são acometidos por ela, como o médico Simão Bacamarte, personagem principal do conto *"O Alienista"*, publicado em 1881 no jornal *A Estação* e posteriormente também incluído no livro *Papéis Avulsos.*

Neste conto, a loucura se insere no enredo do início ao fim, com a busca desesperada do médico por novas teorias sobre este mal.

O Dr. Simão cria em Itaguaí, sua cidade, a Casa Verde, local destinado a abrigar os mentalmente perturbados que antes, por falta de local próprio, eram escondidos em casa por suas famílias. Com a criação da Casa Verde, Simão resolve dois problemas: dá destino a esses infelizes, e possibilita suas pesquisas sobre o tema.

Com o passar do tempo, qualquer sinal de perturbação, por menor que fosse, vira motivo para que o Dr. Simão trancafie algum morador de Itaguaí. Toda mudança de comportamento, ou atitude que por ele fosse considerada fora dos padrões normais, era usada como justificativa para o asilo na Casa Verde.

A população revolta-se com esse estado de coisas, por ver pessoas de bem, que mal nenhum faziam à sociedade, serem recolhidas sob as mais variadas e improcedentes desculpas.

Não nos cabe aqui relatar todo o conto, seria extenso e desnecessário, mas vale ressaltar que, ao final, o Dr. Simão Bacamarte reformula suas teorias, solta os cidadãos que estavam trancafiados na Casa Verde e interna-se ele mesmo, lá ficando até sua morte.

---

[52] GIUMBELLI, Emerson. *O Cuidado dos mortos: uma história de legitimação e condenação do espiritismo*. Rio de Janeiro: arquivo Nacional, 1997, p. 36.

Suprema das ironias, o Dr. Bacamarte descobre, ou resolve, que ele é o único louco da cidade.

2.2 Materializações e processo.

Em outro conto de Machado de Assis, o tema da loucura não está tão explícito como nos casos de José Maria, Ezequiel ou do Dr. Simão Bacamarte. Porém, como salientou Ubiratan Machado, *"um grão de loucura marca a carta do Conselheiro X ao chefe de polícia da Corte".* [53]

Neste conto, intitulado *"Uma Visita de Alcibíades*", cuja ação se passa em 1875, mesmo ano da publicação de O Livro dos Espíritos, o Conselheiro X narra em carta ao comissário de polícia sua aventura no que ele chama de um grande passo na história do espiritismo ao evocar e receber em sua sala Alcibíades, personagem grego, cuja biografia foi escrita por Plutarco.

Este conto, publicado pela primeira vez em 1876, teve duas versões: a primeira, publicada no Jornal das Famílias, e a outra, que uso para este estudo, publicada no livro Papéis Avulsos seis anos mais tarde, em 1882 e que, conforme veremos adiante, sofreu várias modificações em seu enredo.

Esta segunda versão começa narrando quando o Conselheiro X, lendo Plutarco após o jantar, fica curioso com a vida de Alcibíades, com sua trajetória brilhante em Athenas e se pergunta o que ele pensaria da vestimenta moderna. Querendo satisfazer sua curiosidade, ele resolve testar sua recém adquirida fé no espiritismo, que, como ele mesmo diz, não passava de uma recreação:

> *Sou espírita desde alguns meses. Convencido de que todos os sistemas são pura niilidades, resolvi adotar o mais recreativo deles. Tempo virá em que este não seja só recreativo, mas também útil à solução dos problemas históricos; é ainda mais sumário evocar o espírito dos mortos, do que gastar as forças críticas, e gastá-las em pura perda, porque não há raciocínio nem documento que nos explique melhor a intenção de um ato do que o próprio autor do ato. E tal era meu caso desta noite. Conjecturar qual fosse a impressão*

[53] Machado, Ubiratan. *Os intelectuais e o espiritismo: de Castro Alves a Machado de Assis.* Niterói: Publicações Lachartre, 1996, p.144.

> *de Alcibíades era despender tempo sem outra vantagem, além do gosto de admirar a minha própria habilidade. Determinei, portanto, evocar o ateniense; pedi-lhe que comparecesse em minha casa, logo, sem demora.* [54]

Movido então por esse "interesse histórico" o conselheiro evoca o ateniense. Para sua surpresa, Alcibíades comparece de pronto, porém, não em espírito, como seria de se esperar, mas, em carne e osso.

Eis aí o grande passo na carreira do espiritismo a que o Conselheiro se referiu, pois, ao contrário dos outros espíritas, ele conseguira mais do que trazer o espírito de Alcibíades, conseguira ressuscitá-lo!

Se usarmos como parâmetro as fases do espiritismo criadas por Machado de Assis para classificar o grau de demência de seus adeptos, poderemos facilmente perceber que o conselheiro encontrava-se no último estágio.

Trava-se então entre os dois um diálogo em que o ateniense determina o rumo da conversação, perguntando sobre a Grécia moderna, a que o Conselheiro X vai respondendo com espanto e temor diante situação inusitada. Por fim, para tentar livra-se da extraordinária visita, ele declara que precisa ir ao baile, e qual não é seu espanto quando ouve de Alcibíades que este pretendia acompanhá-lo.

Informado, porém de que suas vestimentas causariam espanto nos convivas, Alcibíades decide ir "à moda do século" e, estupefato com os costumes atuais, não entende o porquê da roupa toda preta, se assusta com a gravata, imaginando que o conselheiro estava por enforcar-se e, quando este arremata o traje com o chapéu, acaba por cair fulminado no chão do quarto.

> *Corri ao ilustre ateniense, para levantá-lo, mas, (com dor o digo), era tarde; estava morto, morto pela segunda vez. Rogo a V. Ex. se digne de expedir suas respeitáveis ordens para que o cadáver seja transportado ao necrotério, e se proceda ao corpo de delito. [...]* [55]

---

[54] ASSIS, Machado de. *Obra Completa.* Rio de Janeiro: Editora José Aguilar, 1959, Vol. II, p. 347.
[55] ASSIS, Machado de. *Op.cit.* p. 351.

J. Galante de Souza, em nota sobre este conto na sua obra *Bibliografia de Machado de Assis*, afirma que o principal tema era a questão do vestuário moderno, tema este que, segundo o autor, aparece também em pelo menos mais um conto, o *Vestuário*, publicado na *Semana Ilustrada* em 20 de maio de 1866 em que também se comenta a maneira moderna de se vestir em comparação com a vestimenta grega.

A admiração de Machado de Assis pela cultura grega já é sabida de longa data, mas, estudando a história do espiritismo e o momento em que a doutrina estava quando da publicação destes contos que citei, vê-se que a questão da vestimenta na verdade serve como pano de fundo para tratar de questões mais complexas, como a da experiência de materialização, tão comentadas na França e, por conseguinte, entre os espíritas brasileiros.

A materialização dos espíritos sempre foi um tema controverso. Conan Doyle, em seu livro *História do Espiritismo,* cita vários casos e diz que os espíritas usavam a materialização com muita freqüência como forma de propaganda, mostrando aos descrentes fotos de supostos espíritos materializados.

Um ano antes da publicação desse conto ficou célebre o *Processo dos Espíritas*, como o caso ficou conhecido. Ocorrido na França, envolveu até viúva de Allan Kardec, que teve que comparecer para depor durante o julgamento. [56]

Neste processo, Pierre-Gaetan Leymarie, pioneiro do espiritismo francês, foi processado, julgado e condenado. Anos mais tarde, sua viúva, Marina Leymarie, que havia ficado no lugar do marido à frente da Livraria Espírita e da *Revue Spirite* após a morte deste, reuniu todos os documentos referentes ao processo, que ela cuidadosamente havia guardado, e publicou o livro *Procés des Spirites,* onde narra suas memória sobre o episódio.

O Processo começou com a acusação de que Burget, suposto médium e fotógrafo de profissão, explorava a boa-fé das pessoas com fotografias do que seriam materializações de espíritos. Leymarie foi indiciado por ter publicado algumas dessas

---

[56] Os dados referentes a este caso foram extraídos do texto O Processo dos Espíritas, escrito para a revista O Reformador e publicado em fevereiro de 1978. Este texto está disponível no endereço eletrônico www.espirito.org.br/portal/artigos/diversos/movimento/processo.html. Acesso em 10 de abril de 2005.

fotos na *Revue Spirite* e o médiun americano Alfred Henry Firman também foi indiciado por suposta mente colaborar com Burget.

Burget foi acusado de fraudar as fotografias, o que ficou comprovado em algumas, embora, segundo os espíritas, outras tenham se mostrado autênticas. A explicação dada pelos seguidores de Kardec para semelhante contradição é a de que Burget, que seria realmente médiun e teria de fato conseguido fotos autênticas de materializações, teria desvirtuado sua mediunidade e caído na mistificação, fraudando imagens quando não as conseguia obter pelas vias espíritas.

Uma outra ressalva que os espíritas fazem ao caso é a de que o juiz encarregado do caso, Millet, mantinha uma intransigente posição contra a doutrina e teria usado de sua posição para perseguir e desmoralizar os espíritas frente à sociedade.

O fato é que, alvos de perseguição ou não, os principais nomes do espiritismo francês da época foram indiciados e o processo envolveu 55 testemunhas, 27 de acusação e 28 de defesa. Ao final, Burget acabou por confessar que fraudou algumas das fotos. Ele e Leymarie foram condenados a 1 ano de prisão e ao pagamento de multa.

Machado de Assis, muito provavelmente aproveitando-se desse caso, que alcançou bastante repercussão na época, modificou a história original do conto "*Uma Visita de Alcibíades*", incluindo aí a materialização de Alcibíades como fato concreto para o Conselheiro X, mas deixando subentendido a possibilidade de que o Conselheiro não passasse de um lunático.

A primeira versão desse conto, que saiu publicada no *Jornal das Famílias*, traz como personagem principal a desembargador Álvares, que narra a história da visita de Alcibíades em carne e osso numa roda de salão, entre risos e ironia.

Ubiratan Machado nos dá uma interessante explicação para essa atitude do personagem machadiano de tratar o espiritismo como um divertimento de salão:

> *Nesta perspectiva, de pouca seriedade das palavras do narrador, a história assume um indisfarçável tom de galhofa. A violência da sátira ao espiritismo não está na loucura do personagem. O desembargador é um homem cordato. Machado ainda não concluíra que o espiritismo fosse uma fábrica de loucura. Por enquanto, Kardec e seus discípulos não passavam de tolos joviais. E para*

> *estes, basta a mordacidade e a ironia. O contista veria o espiritismo, então, como um simples motivo, entre gente sensata, para urdir uma história de salão, destinada a encher os ócios de uma noite de festa. Nada de mais sério.* [57]

Na segunda versão, ampliada, esse tom de galhofa desaparece. O Conselheiro realmente acredita que Alcibíades materializou-se em sua casa e narra toda a história como se ela realmente tivesse ocorrido. Talvez Machado quisesse nisso fazer uma alusão aos espíritas declarados que, enquanto os incrédulos acham sua crença um grande absurdo, mantêm-se firmes em suas convicções.

Em nota no livro *Papéis Avulsos,* o próprio Machado de Assis declara que "*este escrito teve um primeiro texto, que reformei mais tarde, não aproveitando mais do que a idéia. O primeiro foi dado com um pseudônimo e passou despercebido".* [58]

Na obra de J. Galante de Souza, encontramos uma curiosidade sobre esta segunda versão:

> *No plebiscito literário, realizado por A Semana, Rio, de setembro de 1893 a janeiro de 1894, para saber quais os seis melhores contos escritos por literários brasileiros, este conseguiu colocar-se entre os menos votados ao primeiro lugar.* [59]

De acordo com as afirmações acima, podemos perceber que o conto *Uma Visita de Alcibíades*, em suas duas versões, não chamou muito a atenção dos leitores. A primeira, como o próprio autor disse, passou despercebida, o que nos faz crer que quando da sua publicação, em 1876, o espiritismo ainda era restrito a um pequeno círculo, conforme já citei em outras partes deste texto. Ocupados com as experiências de fenômenos físicos, com suas reuniões ainda bastante discretas, e, por que não, preocupados em não desagradar à sociedade carioca oficialmente católica, os espíritas de então deixaram que este conto ficasse sem resposta. Aliás, não só este conto, pois não encontrei nas obras

---

[57] MACHADO, Ubiratan. *Os Intelectuais e o Espiritismo: de Castro Alves a Machado de Assis.* Niterói: Publicações Lachartre, 1996, p. 144.
[58] ASSIS, Machado de. *Papéis Avulsos.* Rio de Janeiro: W.M. Jackson Editores, 1944, p.318.
[59] SOUSA, J. Galante. *Bibliografia de Machado de Assis.* Rio de Janeiro, Instituto Nacional do Livro, 1955, p. 493.

espíritas do período nenhuma resposta direta às críticas de Machado de Assis. O que me faz supor duas alternativas para tal fato: ou os espíritas não davam importância para as críticas do folhetinista, ou estavam ocupados demais defendendo-se das acusações de outros setores da sociedade, como os médicos ou a Igreja Católica. Esta segunda alternativa me parece a mais plausível.

Quando a segunda versão veio a lume, em 1882, a situação do espiritismo era bastante diferente; há mais de 20 anos no Brasil, a doutrina estava já bastante sedimentada na sociedade carioca, com a fundação de diversos grupos, como a *Sociedade Acadêmica Deus, Cristo e Caridade* em 1 de janeiro de 1881 e o *Grupo Espírita Humildade e Fraternidade,* em 7 de junho do mesmo ano, entre outros.

Também em 1881, mais especificamente no dia 28 de agosto, é lavrada uma intimação proibindo o funcionamento da *Sociedade Acadêmica Deus, Cristo e Caridade*, que era o grupo de maior prestígio na época. Seus dirigentes recebem-na em 30 de agosto e tomam conhecimento de que estão proibidos de realizar qualquer atividade. Segue abaixo a transcrição de trechos da referida intimação:

> *[...] O Dr. Alberto Fialho, 2° delegado de Polícia nesta corte do Rio de janeiro. Mando a qualquer Oficial deste Juízo, que em cumprimento deste por mim assinado, intime a um dos diretores da Sociedade Acadêmica Deus, Cristo e Caridade para que, a partir desta intimação, fique na ciência de que não pode a mesma associação se reunir mais em comunhão social, celebrar sessões ou praticar qualquer outro ato de natureza social, visto não estarem os estatutos, da mesma sociedade, devidamente aprovados pelo Governo Imperial [...].* [60]

Era a primeira repressão policial da qual o espiritismo era alvo e serviu para juntar todos os grupos na defesa de sua doutrina, chegando mesmo a se formar uma comissão que, em 6 de setembro daquele ano, seria recebida pelo imperador D. Pedro II que, segundo consta nos anais da referida Sociedade, lhes garante que não permitirá perseguições.

---

[60] *Revista da Sociedade Acadêmica Deus, Cristo e Caridade,* n° 9, setembro de 1881, s/p.

Porém, nada de concreto foi realmente feito, nem a ordem foi revogada, nem a perseguição se concretizou, como, aliás, era bem característico do imperador, ou seja, não levantar questões com nenhum setor. Os espíritas, porém, não se calaram.

> *Em 21 de setembro de 1881, a mesma comissão volta ao Imperador, que repete a promessa de que os espíritas não seriam perseguidos, mas que não quisessem se passar por mártires... A ordem policial não foi expressamente revogada, embora também não tivesse prosseguimento, lembrando uma "espada de Dâmocles". Essa primeira perseguição policial contra o Espiritismo levou muitos adeptos, nesse mesmo ano, a fundar o Grupo Espírita Vinte e Oito de Agosto.* [61]

Este grupo foi fundado com o intuito de que a data fosse perpetuada entre os seguidores de Kardec, uma espécie de marco na história da doutrina no Brasil. Como se pode perceber, longe de intimidar os espíritas, essa primeira perseguição policial deu-lhes mais força, visto que o número de grupos e periódicos lançados no período posterior à intimação só fez aumentar.

A imprensa carioca logo divulgou o fato. No mesmo dia 28 de agosto, o *Jornal do Comércio* publicou nota informando os leitores da proibição do funcionamento da *Sociedade Acadêmica Deus, Cristo e Caridade.*

Notas sobre o espiritismo nos jornais não faltavam nessa época e, se alguns, como já vimos no caso do jornal *A República,* cediam espaço à divulgação e defesa do doutrina, outros se posicionavam abertamente contra. Em 29 de outubro de 1881, a *Revista Ilustrada* traz uma nota comentando o lançamento do periódico *O Espiritismo*:

> *Todas as crenças são boas! Diz o "Espiritismo" no seu primeiro número. Ele, o "Espiritismo" é espiritista. Os seus redatores afagam mesmo a esperança de que desprendidos deste vale de lágrimas passarão para um planeta mais adiantado. È favor escreverem-nos de lá, sim?*[62]

A *Semana Ilustrada* já há algum tempo vinha divulgando notas criticando os espíritas e sua doutrina. Somente no ano de 1881, de fevereiro a agosto, antes da intimação,

---

[61] WEGUELLIN, João Marcos. *Memória Espírita: Papéis Velhos e histórias de luz.* Rio de Janeiro: Edições Leon Denis, 2005, p.121.
[62] Idem, ibidem, p.134.

portanto, sete notas foram publicadas criticando especificamente a *Revista da Sociedade Deus Cristo e Caridade*, as quais transcrevo abaixo:

> *A Sociedade Acadêmica Deus, Cristo e Caridade começou a publicar uma revista, cujo primeiro número diz o seguinte: " Do seio da Sociedade Acadêmica Deus, Cristo e Caridade, onde , a par das outras ciências, tem culto o Espiritismo, ergue-se a Revista, órgão oficial da sociedade, tendo por fim transmitir aos seus membros o resultado dos estudos e trabalhos da Academia Espírita." Das outras ciências! Sim, porque o Espiritismo, diz a citada revista, é uma ciência – a ciência dos pobres de espíritos.* (19 de fevereiro de 1881)
>
> *A Sociedade Espiritista Deus, Cristo e Caridade acaba de publicar o número 4 da revista. E então: na Alemanha já não se publicou um jornal, redigido por doidos?* (11 de junho de 1881)
>
> *A Sociedade Acadêmica Deus, Cristo e Caridade, espiritista continua a publicar sua revista: recebemos o numero 6. Os espiritista, como sabem, pregam a volta dos espíritos. Naturalmente por se ter ido o deles.* (30 de julho de 1881)
>
> *Os espiritistas continuam a publicar a sua revista, que tem por fim preencher as vistas sociais – progresso e humanidade. É por principio a ilimitada tolice humana. Recebemos o número 7.* (13 de agosto de 1881). [63]

Também o jornal *O Corsário* não se mostrou simpático para com o espiritismo. Comentando o lançamento da Revista, diz o jornal em 23 de fevereiro de 1881:

> *Agradecemos o número 1 da Revista da Sociedade Acadêmica Deus, Cristo e Caridade. É uma publicação espírita, Não lhe podemos ser simpáticos como filhos deste século de estudos positivos e como brasileiros que temos perdidos alguns moços de talento por causa dessas doutrinas que até hoje, em nosso país, só tem servido para aumentar o número dos idiotas.* [64]

Estas notas da imprensa podem explicar a baixa aceitação da segunda versão do conto *Uma Visita de Alcibíades* também. Não obstante a consideração que seu autor já gozava

---

[63] Dados retirados de WEGUELLIN, João Marcos. *Op.cit.* p.134.
[64] *Idem, ibidem,* p.134.

entre seus colegas de ofício, o espiritismo era tema bastante criticado e por isso pouca atenção se tenha dado ao conto.

Nesta época Machado de Assis já era um escritor renomado, com intensa atividade nos jornais do Rio de Janeiro e tendo publicado os romances *Ressurreição* (1872), *A mão e a luva* (1874), *Helena* (1876), *Iaiá Garcia* (1878) e, o mais famoso destes, *Memórias Póstumas de Brás Cubas* (1881), no mesmo ano dos acontecimentos descritos acima.

Também em 1881, Machado de Assis é nomeado oficial de Gabinete de Pedro Luis, ministro da Agricultura, o que só confirma seu prestígio e reputação na sociedade carioca. Seu conto, porém, não alcançou muita popularidade, mas constitui um rico material de análise da doutrina espírita e da forma como o escritor a via.

Certamente o escritor tomou conhecimento das notas publicadas na imprensa local acerca do espiritismo, soube da intimação e de toda a polêmica que se seguiu, bem como do Processo dos Espíritas e fez disso tudo um solo fértil para o enredo de seus contos.

Estes contos, expostos de forma resumida neste texto, ilustram o interesse de Machado de Assis pelo tema espiritismo e, mais uma vez, seu conhecimento sobre os preceitos da doutrina. È inquestionável para mim o conhecimento machadiano sobre os principais pontos da doutrina de Allan Kardec e a atenção que ele dispensou a ela em sua trajetória faz crer que seu interesse era grande.

Mais tarde, com a criação da FEB (Federação Espírita Brasileira) em 1884, a doutrina finalmente consegue sua institucionalização e sua separação, pelo menos oficialmente, dos cultos afro-brasileiros.

Apesar dos ataques da Igreja Católica, das ironias e perseguição por parte dos céticos, Machado de Assis inclusive, que consideravam um absurdo aceitar os preceitos de reencarnação e comunicação com os mortos, entre outros, a doutrina teve grande receptividade, espalhou-se pelo país e acabou por se institucionalizar, abarcando entre seus adeptos a camada aburguesada da sociedade, ansiosa por fugir dos dogmas católicos, que desde a Questão Religiosa tinha suscitado o descontentamento dos maçons, ou circulando tranqüilamente entre as sessões da FEB e as missas, como era muito comum na Corte.

O contexto histórico da época é a transição entre Monarquia e República, e a cidade do Rio de Janeiro fervilhava de republicanos ávidos em se livrar de tudo o que dissesse respeito ao regime já quase deposto, inclusive a religião oficial, o que poderia explicar em parte a aceitação que o espiritismo teve. Como observou Ubiratan Machado: "*Não deixa de ser sintomático, como uma espécie de reação ao clero e à monarquia, o reconhecimento dos direitos espíritas pelos republicanos".* [65]

A participação dos intelectuais na divulgação da doutrina e a adesão de boa parte deles a ela também fazem parte do livro de Ubiratan Machado. Nomes como o já citado Octaviano Hudson, Dr. Melo Moraes, Quintino Bocaiúva, Castro Alves, Joaquim Manuel de Macedo, figuram no primeiro meio século da doutrina no Brasil.

João do Rio também se surpreendeu com o número de pessoas influentes que aderiram à doutrina. Em seu livro "*As Religiões do Rio"* ele fala do fenômeno que se tornou o espiritismo entre as classes mais abastadas:

> *Já não se conta o número de espíritos ortodoxos, conta-se a atração de nossos cérebros mais lúcidos pela ciência da revelação. A Marinha, o Exército, a advocacia, a medicina, o professorado, o grande mundo, a imprensa, o comércio tem milhares de espíritas. Há homens que não fazem mistérios de sua crença.* [66]

A aceitação da doutrina espírita pelos intelectuais reforça a teoria de que, denominando-se doutrina de fé e ciência, o espiritismo, amparado pelos ideais positivistas então em voga, e vindo da França, que era então o que podemos chamar de centro cultural, tornou-se um atrativo e uma opção ante a religião oficial da época.

Sobre este assunto Nicolau Sevcenko nos fornece uma boa pista:

> *A palavra de ordem da 'geração modernista de 1870' era condenar a sociedade fossilizada do império e pregar as grandes reformas redentoras: 'a abolição', 'a república', a 'democracia'. O engajamento se torna condição ética do homem de letras. [...] Para completar, a assimilação das doutrinas típicas do materialismo*

---

[65] MACHADO, Ubiratan. *Os Intelectuais e o Espiritismo: de Castro Alves a Machado de Assis.* Niterói: Publicações Lachartre, 1996, p. 156.
[66] Rio, João do. *As Religiões do Rio.* Disponível em http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bi000185.pdf Acesso em 10 de abril de 2005.

cientificista então em voga, que os lançou praticamente a todos no campo do anticlericalismo militante. [67]

Sendo Machado de Assis um escritor preocupado com as questões de seu tempo, como já o dissemos, seu discurso representa o discurso de uma categoria, de uma classe social e esse discurso, impresso nas páginas dos folhetins, agia como coadjuvante na formação de opinião dos seus leitores diários; por isso, interessa saber o que Machado de Assis disse sobre o espiritismo.

Uma das hipóteses deste trabalho é a de que, ao buscar inserir-se na sociedade brasileira – em especial a carioca, objeto deste estudo -, o espiritismo, ou melhor, dizendo, os espíritas, procuraram atingir a intelectualidade como forma de divulgação/legitimação.

Sandra Jacqueline Stoll, também fala do uso dos meios escritos pelos primeiros grupos espíritas brasileiros, com a publicação de periódicos brasileiros e pela publicação dos livros de Allan Kardec quando este ainda escrevia alguns de seus títulos. Ainda segundo Stoll, a rapidez com que as publicações espíritas ganharam destaque na Corte carioca fez com que o Brasil ganhasse imediatamente destaque no cenário internacional.

Para Ubiratan Machado se, a princípio, essas publicações não tiveram nenhuma aceitação por parte da imprensa, o mesmo não se deu com a população, que rapidamente esgotou a primeira edição de O Livro dos Espíritos.

Porém, essa inserção do espiritismo na literatura não foi feita sem atritos, sendo Machado de Assis um dos porta-vozes de uma intelectualidade que questionava a nova doutrina.

No conto "A Cartomante", publicado em 28 de novembro de 1884 na *Gazeta de Notícias*, por exemplo, a trágica história do casal de amantes que acaba assassinado pelo marido traído traz como pano de fundo a mania de Rita, a esposa adúltera, em consultar a cartomante para saber o futuro.

---

[67] SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República.* São Paulo: Editora Brasiliense, 1985, p.79.

A história se passa em 1869, quando, como já dito, as sonâmbulas e cartomantes proliferavam no Rio de Janeiro. Rita, com sua ingenuidade, deixava-se impressionar pelos dizeres da cartomante.

Quando Camilo, o amante, recebe um bilhete de Vilela, o marido, pedindo-lhe que compareça sem demora em sua casa, o medo de ter sido descoberto o atormenta e, influenciado pelas palavras anteriores de Rita, que dizia que a cartomante tudo sabia, resolve, no caminho para a casa de Rita e Vilela, consultar a mulher, afinal, que perdia ele com isso?

Assim que se senta, a mulher embaralha as cartas e começa a "adivinhar" o que o traz ali:

> *- Vejamos primeiro o que o traz aqui. O senhor tem um grande susto... Camilo, maravilhado, faz um gesto afirmativo. – E quer saber, continuou ela, se lhe acontecerá alguma coisa ou não... - A mim e a ela. - explicou ele vivamente.* [68]

A cartomante então lhe tira todas as dúvidas. Diz que nada lhes acontecerá, mas que era preciso que tivessem cuidado; porém o "terceiro" nada sabia. Fala do amor dos dois, da beleza de Rita, deixando Camilo extasiado.

Ele paga e sai encantado, feliz. Todas as suas preocupações haviam se dissipado. Toma novamente o tílburi e segue, sem medo de nada. A cartomante tinha adivinhado o motivo da consulta, e suas palavras tinham acalmado seu antes aflito coração.

> "*Daí a pouco chegou à casa de Vilela". Apeou-se, empurrou a porta de ferro do jardim e entrou. A casa estava silenciosa. Subiu os seis degraus de pedra, e mal teve tempo de bater, a porta abriu-se, e apareceu-lhe Vilela. — Desculpa, não pude vir mais cedo; que há? Vilela não lhe respondeu; tinha as feições decompostas; fez-lhe sinal, e foram para uma saleta interior. Entrando, Camilo não pôde sufocar um grito de terror: — ao fundo sobre o canapé, estava Rita morta e ensangüentada. Vilela pegou-o pela gola, e, com dois tiros de revólver, estirou-o morto no chão.* [69]

---

[68] ASSIS, Machado de. *Contos Escolhidos.* São Paulo: Martin Claret, 2001, p.58.
[69] *Idem, Ibidem,* p.60.

A cartomante falhara, ludibriara Camilo com sua experiência em atender jovens enamorados. Não há em nenhum momento a menção da palavra espiritismo, mas, dado que nesta época todos eram alvos de críticas comuns: espíritas, curandeiros, cartomantes, sonâmbulas; este conto serve como base para se analisar de que maneira Machado de Assis via essas modalidades de fé.

Em outro conto, a questão do charlatanismo aparece ainda mais explícita, como veremos.

O conto intitula-se *O Segredo de Bonzo*[70] e foi publicado pela primeira vez em 30 de abril de 1882 na *Gazeta de Noticias* sob o titulo de *"Um Capítulo Inédito de Fernão Mendes Pinto"*. Ainda em 1882 foi incluído no livro *Papéis Avulsos* com o título modificado.

O próprio Machado de Assis escreveu uma nota no final do livro e que explica suas intenções:

> *Como se terá visto, não há aqui um simples pastiche, nem esta imitação foi feita com o fim de provar forças, trabalho que, se fosse só isso, teria bem pouco valor. Era-me preciso, para dar a possível realidade à invenção, coloca-la a distância grande, no espaço e no tempo; e para tornar a narração sincera, nada me pareceu melhor do que atribuí-la ao viajante escritor que tantas maravilhas disse. [...] O bonzo do meu escrito cama-se Pomada, e pomadistas os seus sectários. Pomada e pomadistas são locuções familiares da nossa terra: é o nome local do charlatão e do charlatanismo.*

Como se pode observar, o próprio autor fez questão de deixar bem claro suas intenções: em uma terra de sonâmbulas, cartomantes, médiuns, videntes, magnetizadores e espíritas, ele formula uma teoria curiosa para explicar essas novas atividades que para ele, pelo que podemos concluir de seus escritos, não passavam de formas de ludibriar a credulidade do povo.

Situar a história em um tempo e um espaço longínquo, (Japão, ano de 1552) garantiria uma relativa neutralidade e imparcialidade, evitando comparações diretas e atritos com

---

[70] Segundo o dicionário Houaiss, "bonzo" é um termo que designa monge budista ou membro de ordem religiosa, mas também pode ser empregado para designar individuo preguiçoso, medíocre, ignorante ou fingido.

quem se sentisse ofendido. E citar o português quinhentista Fernão Mendes Pinto, que como Gledson afirma era conhecido como: *Fernão. Mentes? Minto;* só aumenta o poder da sátira deste conto e reforça o talento de Machado de Assis em falar do Brasil e da história brasileira de uma forma surpreendente. [71]

No conto o narrador, Fernão, a passeio na cidade de Fucheo com Diogo Meirelles, depara-se com dois homens a fazer, cada qual em um determinado local, revelações tão surpreendentes quanto absurdas à população local: o primeiro, chamado Patimau, alega ter descoberto que a origem dos grilos se dava através do ar e das folhas dos coqueiros, na conjunção com Lua Nova, revelação que fez com que a população o saudasse calorosamente e prestasse-lhe diversas homenagens; o outro, Langurú, não muito longe dali, afirmava ter descoberto o princípio da vida futura que estava nada mais nada menos que numa certa gota do sangue de vaca e que este animal era excelente para habitar almas humanas e por isso mesmo muitíssimo procurado por pessoas à beira da morte. Os dois afirmavam tais idéias com convicção e justificavam suas revelações como produto da ciência e fruto de rigorosas experiências e observações e foram igualmente aclamados e bajulados pelo povo.

O narrador, surpreso com os dois casos, os comenta com um terceiro, Titané, que lhes explica que essas pessoas estavam pondo em prática a teoria de um bonzo que morava nas redondezas. Os três vão até a casa deste bonzo que lhes explica esta nova teoria:

> *[...] entendi que, se uma coisa poderá existir na opinião, sem existir na realidade, e existir na realidade, sem existir na opinião, a conclusão é que das duas existências paralelas a única necessária é a da opinião, não a da realidade, que é apenas conveniente [..] Para compreender a eficácia do meu sistema, basta advertir que os grilos não poderiam nascer do ar e das folhas de coqueiro, na conjunção da Lua Nova, e por outro lado , o principio da vida não está numa certa gota de sangue de vaca, mas Patimau e Langurú, varões astutos, com tal arte souberam meter estas duas idéias no ânimo da multidão, que hoje desfrutam a nomeada de grandes físicos e maiores filósofos, e têm consigo pessoas capazes de das a vida por eles.*[72]

Após essa revelação o narrador e seus dois amigos resolvem testar a teoria do bonzo e não tardam a descobrir que, por mais absurdas que fossem suas teorias, se ditas com convicção, acabavam encontrando receptividade, ainda mais se juntamente com elas

---

[71] GLEDSON, John. *Por um novo Machado de Assis.* São Paulo: Companhia das Letras, 2006, p. 51.
[72] ASSIS, Machado de. *Papéis Avulsos.* Rio de Janeiro: W. M. Jackson Editores, 1944, p.200.

viesse o relato de experiências científicas, de pessoas importantes que dela fizeram uso, etc.

Fazer a analogia entre a teoria do Bonzo e o espiritismo de Kardec não é difícil. No entanto, dizer que esta era realmente a intenção de Machado de Assis não é tão simples e provavelmente nunca teremos absoluta certeza; porém, dado o ano da publicação e o avanço do espiritismo no Rio de Janeiro por essa época, essa é uma possibilidade de leitura bastante verossímil.

Isso reforça a hipótese inicial de que suas críticas sobre a doutrina espírita são formuladas na medida em que os acontecimentos se sucedem ou, numa interpretação minha, na medida em que o espiritismo vai alcançando maior repercussão e aceitação.

O capítulo seguinte tratará do período em que essas críticas, embutidas nas crônicas machadianas, aparecem com maior freqüência, ou seja, entre 1885 e os primeiros anos da década de1890.

Capítulo 03

3.1 A difusão do espiritismo e o silêncio de Machado de Assis.

Este capítulo trata do período em que as crônicas tornaram-se mais constantes: o ano de 1878, a década de 1880 e o início da década de 1890. Durante este período, o espiritismo rompeu diversas barreiras e conseguiu se institucionalizar. Além disso, muitos eram os personagens ilustres que tinham se convertido publicamente, dando maior prestígio à doutrina. O que não se significa que ela tivesse se livrado de todas as polêmicas e perseguições, ao contrário, conforme veremos adiante, esse foi o período mais conturbado, pois o espiritismo havia deixado de ser uma mania de salões, uma excentricidade, para se tornar uma nova forma de religiosidade, de ciência, de conjunto de diretrizes morais e éticas, envolvendo gente muito séria e de muita notoriedade para que fosse deixado de lado ou tido como modismo passageiro.

A crônica seguinte na qual Machado de Assis novamente fala sobre espiritismo é de 1878, 13 anos depois daquela com as previsões sobre a Guerra do Paraguai. O que acontecia com o espiritismo durante esse período de silêncio de Machado de Assis?

Segundo dados de O Reformador, o mais antigo periódico de divulgação da doutrina, em 02 de agosto de 1873 era fundada no Rio de Janeiro a "Sociedade de Estudos Espiríticos Grupo Confúcio", primeiro núcleo espírita da capital e que posteriormente deu origem à Sociedade de Estudos Espíritas Deus, Cristo e Caridade, em 1876.

O ano de 1875 foi especialmente importante para o movimento espírita, registrando fatos significativos. Entre eles, a publicação da Revista Espírita sob a direção de Antonio da Silva Neto, além da primeira edição de O Livro dos Espíritos, traduzido por Joaquim Carlos Travassos e editado pela Editora B.L. Garnier. Ainda neste ano, são publicados também, pela mesma editora, O Livro dos Médiuns, O Céu e o Inferno e o Evangelho Segundo o Espiritismo.

Sobre a Revista Espírita, esta teve seis números e foi o segundo periódico lançado no Brasil (o primeiro foi o *Echo d´além Túmulo*, na Bahia, como já vimos no primeiro capítulo). Em nota sobre seu lançamento, o Jornal O Globo do dia 26 de janeiro de 1875 a classifica como "publicação mensal de estudos psicológicos" e traz o índice das matérias, entre as quais encontramos: vocabulário espírita, diferentes naturezas de manifestações, respostas dos espíritos a algumas questões, etc.

A Revista Espírita teve uma curta duração, mas ainda assim constitui mais uma prova de como os espíritas estavam se organizando. Em seus números encontramos explicações sobre as categorias de sonhos, sobre a morte do ponto de vista espírita (matéria na qual se faz crítica às formas de vida pós-morte pregadas pela igreja católica: ou penas eternas, ou contemplação eterna), há também matérias sobre curas através de magnetizações sendo a mais interessante a que relata a cura de uma fratura no braço de uma médium através da intervenção dos espíritos, seguida de diversas justificativas para convencer os que, já previam seus editores, se declarariam incrédulos diante de tal fato. Era, enfim, um periódico de divulgação e defesa do espiritismo.

A Revista Espírita e o Livro dos Espíritos tiveram sua publicação na mesma época, com diferença de poucos dias e sua divulgação. Essas publicações e posteriormente a dos outros livros de Kardec que ocorreram no mesmo ano, contribuíram para a expansão da doutrina entre a elite intelectualizada, ávida pelas novidades vindas da França.

Várias são as hipóteses para a aceitação da doutrina, em especial o seu caráter cientificista e positivista, tão em voga na época.

Isso fica evidente quando analisamos a forma como O Livro dos Espíritos foi elaborado: o esquema de perguntas e respostas. Sandra Jacqueline Stoll salienta que esse tipo de organização, pontuado pela impessoalização e generalização das respostas, não deixa dúvidas quanto à inspiração de Allan Kardec nos moldes positivistas da época. E vai além dizendo que "*certas correntes do pensamento científico da época, foram por ele apropriadas como critério de validação das informações dos espíritos*".[73]

Artur César Isaía também compartilha desse argumento e ressalta que:

---

[73] Stoll, Sandra Jacqueline. *Espiritismo à brasileira.* São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2003, p. 41.

> *Kardec procurou realizar uma síntese entre a "revelação divina" e a "evolução científica", oposta, tanto ao materialismo científico do século XIX, quanto à herança dos esquemas dualistas, platônico ou kantiano. Apostando numa explicação racional, natural e científica para todos os fenômenos, Kardec tentava dotar a crença de um substrato científico e endossado na observação experimental, ao mesmo tempo em que, através da "comprovação" da sobrevivência do espírito, tentava consorciar em bases novas, o pensamento ocidental com a crença religiosa. A tarefa proposta por Kardec, sem dúvida nenhuma, aproximava-se da tentativa de Comte de consorciar razão e emoção através da ascendência moral do conhecimento positivo.* [74]

Essa aproximação entre positivismo e espiritismo certamente contribuiu para a aceitação da doutrina na Europa e no Brasil pelos intelectuais brasileiros. Allan Kardec sintetizou as correntes do pensamento científico da época, buscando dar ao espiritismo um caráter científico. Segundo Stoll:

> *O que singulariza o espiritismo nesse momento, portanto, é o modo como ele se produziu a acomodação das informações 'dos espíritos' a idéias, modelos e princípios que têm origem em outro campo – o da ciência. Essa articulação foi sendo construída por Allan Kardec em meio ao processo de coleta de informações ' dos espíritos' e do desenrolar do embate de diversas correntes do pensamento cientifico.* [75]

Essa singularidade vem de encontro aos padrões da época, onde se buscava a modernidade e a racionalidade. Denominando-se doutrina de fé e ciência, o espiritismo surge como uma opção aos dogmas católicos. Seu pressuposto de aliar fé e razão agradou à elite da Corte que em tudo buscava se equiparar a França. Tal não foi a postura de Machado de Assis. Cético, o autor vai questionar a nova doutrina.

3.2 O teor crítico aumenta.

---

[74] ISAIA, Artur César. *O Espiritismo diante da idéia republicana no Brasil* Fragmentos de Cultura, Goiânia, v. 15, n. 10, p. 1541-1552, 2005.
[75] STOLL, Sandra Jacqueline. *Op. cit*, p.48.

Em 1878, Machado de Assis volta a falar em espiritismo ao comentar a prisão de Miroli e Locatelli, casal de adivinhos. Em crônica de 16 de junho, Machado assim comenta o fato:

> *Sucessivamente médico domador de feras, volantim, mestre de dança, e ultimamente adivinho, não se pode dizer que seja homem vulgar; é um fura-vidas, que se atira à strugh for life com unhas e dentes, sobretudo com unhas. De unhas dadas com a dama Locatelli, fundou uma Delfos na Rua do Espírito Santo, e entrou a predizer as coisas futuras, a descobrir as coisas perdidas, e a farejar as coisas vedadas. O processo era o sonambulismo ou o espiritismo. Os crédulos, que já no tempo da Escritura eram a maioria do gênero humano, acudiram às lições de tão ilustre par, até que a polícia o convidou a ir meditar nos destinos de Galileu e outras vítimas da autoridade pública.* [76]

Em 21 de julho do mesmo ano, ele volta a falar em sonambulismo, deixando claro que a polícia já havia tomado providências sobre o caso: "*O sonambulismo tem sido aplicado à cura de moléstias e ultimamente a busca de coisas perdidas e a predição do futuro, o que, aliás, nossa polícia contestou de um modo formal e urbano".* [77]

O sonambulismo foi muito usado na segunda metade do século XIX. Era em sua grande maioria empregado por mulheres que, dizia-se, tinham o dom de prever o futuro quanto em estado de hipnose. Curiosamente, nesse momento de chegada e expansão do espiritismo, as sonâmbulas evitavam qualquer aproximação ou equiparação com a nova doutrina, possivelmente por considerarem sua prática superior.

As consultas com as sonâmbulas custavam caro. Ubiratan Machado chega a comparar o preço de uma consulta com a quantia suficiente para se iniciar o pagamento de um terreno na cidade. Portanto, apenas as classes mais abastadas tinham condições de se submeter a tais consultas.

Os anúncios oferecendo serviços de sonambulismo encontram-se aos montes nos jornais da época. E, como se pode deduzir da crônica de Machado de Assis, era fácil confundir as duas novas modalidades de crença: sonambulismo e espiritismo.

---

[76] ASSIS. Machado de. *Notas Semanais.* Texto disponível em http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/ua000215.pdf Acesso em 05/05/2006.
[77] ASSIS. Machado de. *Obra Completa.* Rio de Janeiro: Editora José Aguillar, 1959, Vol. III. P. 95.

Um dos argumentos que os espíritas utilizarão para legitimar seu sistema de crenças frente ao sonambulismo é que, no espiritismo, a caridade é fator essencial ao praticante e nenhuma consulta é cobrada; o que é bem diverso da prática das sonâmbulas, acusadas de iludir e enriquecer à custa da credulidade popular.

Nesse momento da história, o espiritismo ainda não era muito conhecido nas camadas populares, ainda restringia-se à elite. Somente alguns anos mais tarde, com a criação da FEB (Federação Espírita Brasileira), em 1884 e com as consultas públicas dadas pelos médiuns receitistas, a partir de 1899, é que a doutrina alcança a população de uma forma geral. Estes médiuns atendiam a população sem cobrar absolutamente nada e encontravam-se em atividade, em outros grupos espíritas, desde a década de 1870. Emerson Giumbelli nos explica quem eram essas figuras: *O médium receitista era, então, o indivíduo que, inspirado pelo 'espírito' de um médiun já falecido, diagnosticava doenças e prescrevia um tratamento que residia na quase totalidade das vezes em medicação homeopática.* [78]

Esse trabalho mediúnico irá divulgar a doutrina nas camadas mais pobres da sociedade, onde muitas vezes a medicina tradicional não chegava. Isso desagradaria em muito a sociedade médica da época, que acaba indo buscar o apoio da lei para conter a prática da mediunidade receitista.

Sylvia Damazio fala desta característica especial da doutrina espírita, o que a fez se aproximar as camadas mais humildes da população:

> *Eram os pobres, os desassistidos, os que tradicionalmente apelavam para os curandeiros na falta de assistência pública à saúde e que, agora, se voltavam para a homeopatia, a água fluidificada e os passes magnéticos dos receitistas, Enquanto as reuniões na sede da federação eram freqüentadas por um número reduzido de pessoas - Canuto de Abreu estima em trinta ouvintes, no máximo, às conferências públicas – e as edições quinzenais de O Reformador se restringiam a duzentos exemplares, o Serviço de Assistência atendia, diariamente , um grande público.*[79]

---

[78] GIUMBELLI, Emerson. *O Cuidado dos mortos.* Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, p. 76.
[79] DAMAZIO, Sylvia F. *Da elite ao povo: advento e expansão do espiritismo no Rio de Janeiro,* Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1994, p.129.

Para a autora, inclusive, foi esse trabalho de assistência aos desvalidos que consolidou a doutrina no Brasil.

> *O fato incontestável é que, tanto no Rio de Janeiro quanto no restante do país, popularizou-se o Espiritismo cristão com o seu corolário: a prática da caridade através do atendimento aos necessitados.* [80]

Essa popularização, contudo, não foi feita de forma muito tranqüila. É assunto bastante discutido em obras que tratam deste período a questão entre os místicos e os científicos[81].

De maneira bastante simplificada esta questão refere-se ao fato de que, entre os grupos espíritas, duas correntes se formaram: a dos místicos, que valorizavam a vertente religiosa do espiritismo, considerando-o uma Revelação Divina; e a dos científicos, que se interessavam pela parte experimental dos fenômenos, considerando-o uma ciência passível de comprovação.

Antes da fundação da FEB em 1884, diversos foram os grupos espíritas surgidos na década de 1870, a saber: a Congregação Espírita Anjo Ismael (1877), o Grupo Espírita Caridade (1878), a Sociedade Acadêmica Deus, Cristo e Caridade (1879), o Grupo Espírita Fraternidade (1880), o Grupo Humildade e Fraternidade (1880) e o Grupo dos Humildes, também fundado em 1880 e posteriormente incorporado a FEB com o nome de Grupo Ismael.

Uma outra forma de divulgação foi encontrada um ano antes da fundação da FEB por Augusto Elias da Silva, português, fotógrafo e abolicionista: a criação de um periódico totalmente espírita, *O Reformador*, cujo primeiro número foi lançado em 21 de janeiro de 1883, e que passaria, com a fundação da Federação Espírita Brasileira, a ser o órgão oficial de divulgação da doutrina.

Sob o título de "órgão evolucionista", de circulação quinzenal, trazia notícias do meio espírita ao redor do mundo, bem como diversos artigos de divulgação da doutrina. Já no primeiro número, na Seção Eclética, um artigo do Dr. Bezerra de Menezes, assinando

---

[80] DAMAZIO, Sylvia F.*op.cit*. p.143.

[81] Para uma análise mais aprofundada deste tema, ver os já citados trabalhos de Emerson Giumbelli, Sylvia F. Damazio, Ubiratan Machado, entre outros.

com o pseudônimo de Guepian, intitulado "*Ao episcopado brasileiro*" mostrava que as querelas entre a Igreja Católica e os espíritas estavam longe de acabar. Este artigo havia sido escrito em 1882, em resposta à publicação da carta pastoral do bispo do Rio de Janeiro condenando o espiritismo, em 15 de junho de 1881.

No artigo, Bezerra de Menezes contesta com veemência as palavras do bispo e tenta revertê-las em favor do espiritismo, alegando que tudo quanto o bispo disse apenas serve de propaganda à doutrina. Ao comentar um trecho do livro bíblico do Deuteronômio, em que Moisés proíbe a invocação dos mortos, alega o autor que isto basta para provar a veracidade de tais manifestações, uma vez que se houve a proibição, é porque tal prática ocorria efetivamente, do contrário a proibição se tornaria absurda. Aqui não se questiona se estava ou não certo o Dr. Bezerra de Menezes. Crente fiel a ponto de se converter publicamente, era natural que tudo fizesse para defender sua nova fé perante os ataques do bispo. A inclusão de suas afirmações no texto tem a única função de contrapor seus argumentos frente aos que eram usados pelo bispo do Rio de Janeiro para criticar o espiritismo.

Na edição de fevereiro do mesmo ano, há um outro artigo, intitulado "*O Bispo do Rio de Janeiro e o Espiritismo.*", assinado por Nogamod, cujo verdadeiro nome infelizmente se perdeu na história. Neste artigo, novamente comentando a Carta Pastoral do bispo, o autor defende o espiritismo da acusação de produzir loucos e pede ao bispo:

> *Leia Exm. Sr., o Livro dos Espíritos, de Allan Kardec, e S. Ex. verá quanto foi injusto para com a nossa doutrina. Não tenha receio, que as obras dos tolos e dos demônios não podem abalar a fé viva e ardente de tão ilustrado Prelado [...] Salve, Exm. Sr. Tantas milhares de almas, às quais estamos perdendo de boa fé, o que será fácil talvez a S. Ex., mas só quando nos bater no terreno do que está escrito nos nossos livros e não no que passou pela inteligência de S.Ex., sem estudo prévio.*[82]

E concluiu, em tom provocativo, que: "*Esse esquecimento de sua parte deu pouca força á sua causa e, cremos que muita à nossa*[83]*".*

---

[82] O Reformador, 01 de fevereiro de 1883, p. 02.
[83] Idem, p.02.

Como é de se imaginar, a briga entre católicos e espíritas estava longe de acabar e só fez aumentar com o passar do tempo. Em 1884, quando a Federação Espírita Brasileira é fundada, O Reformador passa a ser seu maior órgão de divulgação, trazendo noticias da expansão do espiritismo em diversas partes do mundo, e vários artigos doutrinários, como já disse acima.

Machado de Assis logo tratou de comentar sobre a Federação Espírita Brasileira. Em 5 de outubro de 1885, ou seja, um ano após o início das atividades da entidade, Machado publica crônica na qual narra uma fictícia visita feita à FEB para acompanhar uma sessão da primeira série de "*Conferências Públicas sobre Espiritismo*", proferidas pelo Sr. Manoel Fernandes Figueira, sócio fundador e então vice-presidente daquela instituição:

> *Mal adivinham os leitores onde estive sexta-feira. Lá vai; estive na sala da Federação Espírita Brasileira, onde ouvi a conferência que fez o Sr. M.F. Figueira sobre o espiritismo [...] Desde que li em um artigo de um ilustre amigo meu, distinto médico, a lista das pessoas que na Europa acreditam no espiritismo, comecei a duvidar da minha dúvida. Eu, em geral creio em tudo aquilo que na Europa é acreditado [...] Achava-me em casa, e disse comigo, dentro d´alma, que, se me fosse dado ir em espírito à sala da Federação, assistir á conferência, jurava converter-me à nova doutrina.*[84]

O cronista narra então que após sentir *"uma coisa subir-me pelas pernas acima, enquanto outra descer-me pela espinha abaixo"* acha-se em espírito, no ar, vendo seu corpo caído ao chão. Voando por sobre as casas, ele chega à FEB, onde ouve o narrador combater as religiões do passado:

> *[...] que têm de ser substituídas todas pelo espiritismo, e mostrou que as concepções delas não podem mais ser admitidas, por não permiti-lo a instrução do homem; tal é, por exemplo, a existência do diabo. Quanto ouvi isso, acreditei deveras. Mandei o diabo ao diabo, e aceitei a doutrina nova, como a última e definitiva.* [85]

---

[84] ASSIS, Machado de. *Obra Completa.* Vol. III, Rio de Janeiro: Editora José Aguilar, 1959, p.502.
[85] ASSIS, Machado de. *Op. cit.* p.503.

Qual não é sua surpresa, porém, ao chegar em casa e encontrar o próprio diabo em seu corpo, rindo e tomando uma pitada de rapé. Ao tentar argumentar que isso seria impossível, pois que o diabo era uma concepção do passado, o cronista como resposta que *"do passado, é certo. Concepção vá ele! Lá porque estão outros no poder, e tiram-me o emprego, que não era de confiança, não é motivo para dizer-me nomes."* [86]

A seguir o diabo lhe mostra um jornal do dia, onde se lê uma notícia sobre um novo medicamento que tinha a pretensão de curar todas as doenças que outro já não podia mais curar, donde o cronista conclui que "*talvez quisesse nisso fazer alguma alusão ao espiritismo"*. [87]

Como se vê, a concepção de Machado de Assis sobre a nova doutrina não havia mudado nos vinte anos passados entre a primeira crônica, com as previsões sobre a Guerra do Paraguai e esta de 1885. Cético e bastante irônico, ele usava os eventos e o próprio discurso espírita para criticar e ridicularizar os membros e simpatizantes da FEB.

Mas, se a opinião de Machado não mudou nestes vinte anos, o mesmo não se pode dizer do meio espírita. A fundação de diversos grupos, a publicação dos livros de Allan Kardec, do periódico O Reformador e a Fundação de FEB mostram que já não se tratava de uma mania de salão, de um passatempo. O número de adeptos havia crescido muito nos últimos anos e não havia como negar a influência da doutrina na sociedade carioca, como já mencionei em outros momentos.

Esse "*acreditar em tudo o que na Europa é acreditado*" de que o narrador fala no início da crônica, revela uma característica peculiar da sociedade carioca no final do século XIX: a vontade de se equiparar à Europa, sobretudo à França. E Machado de Assis vai ocupar posição privilegiada nesse cenário, como ilustrou Nicolau Sevcenko:

> *Na sua posição de cronista do popular jornal Gazeta de Notícias, seu papel era exatamente o de atuar como um intermediário, comentando as matérias do noticiário internacional e estabelecendo a ponte para os acontecimentos locais. O que o torna num sensor aguçado, captando a maré das mudanças que do hemisfério norte*

---

[86] ASSIS, Machado de. *Loc cit.*
[87] *Idem.*

irradiava as tendências a que o restante do mundo se via na contingência de se ajustar. [88]

Como "ponte" nesse cenário em transformação, em que idéias republicanas, abolicionistas, positivistas e racionalistas, entre outras, se misturam, Machado de Assis não podia deixar de comentar um fato como a difusão dessa nova e surpreendente doutrina, que se arrojava o poder de aliar fé e ciência, que trazia o sobrenatural ao cotidiano dos homens comuns, pregando a possibilidade de comunicação com os mortos. Esse comentário, porém, será feito à maneira própria do autor, com sua fina ironia e uma boa dose de ceticismo.

Com muita probabilidade, esse distinto médico citado na crônica se tratava de Castro Lopes, médico homeopata muito conhecido e respeitado na Corte, além de poeta e filólogo.

O Dr. Antonio de Castro Lopes interessou-se pelo espiritismo, apesar de sua forte formação católica e, ainda que tenha se mantido um tanto quanto independente, sem se envolver muito no processo de legitimação e difusão da doutrina, participou da série de conferências realizadas pela FEB em 1886.

Segundo Ubiratan Machado, pelo menos desde 1879, ano em que publicou *Ressurreições,* Castro Lopes já aderira ao espiritismo. Isso fica tanto mais evidente quando lemos o trecho a seguir, retirado da obra citada:

Deus quer que a humanidade

Por orbes mil perpassando,

Mais e mais se depurando

Toque a infinita felicidade:

Convicto desta verdade,

Já não me aterra o perigo;

---

[88] SEVCENKO, Nicolau. *A capital irradiante*: técnica, ritmos e ritos do Rio. In, *História da vida privada no Brasil.* NOVAIS, Fernando A.; SEVCENKO, Nicolau. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, Vol.III. p. 532.

Vejo em Deus um doce abrigo,

O benfeitor dos mortais. [89]

Ainda segundo Ubiratan Machado, o Dr. Castro Lopes viveu um drama pessoal: identificado com o espiritismo, relutava em converter-se publicamente, pois seria como abdicar de suas origens, de sua família, de sua educação. Qual a saída, então? A mesma adotada por muitos: *Conciliar algumas crenças espíritas com os dogmas e a liturgia católica, acreditar na reencarnação, por exemplo, e freqüentar a missa, seria uma solução ideal.*[90]

Somente anos mais tarde, quase no final da jornada, é que ele, Castro Lopes, assumirá sua crença no espiritismo, deixando definitivamente de lado o catolicismo e colecionando mensagens mediúnicas.

O caso do Dr. Castro Lopes ilustra bem que não havia apenas os defensores e os acusadores do espiritismo; havia aqueles que se deixavam seduzir pelas novas idéias, mas temiam abandonar sua formação católica e romper com uma boa parte da sociedade, adotando assim uma postura ambígua até que finalmente tivessem coragem de assumir suas novas crenças.

Mas, voltando a Machado de Assis, em nenhum momento de sua trajetória pelos jornais do Rio de Janeiro é possível dizer que ele tenha se convertido, ou simpatizado com o espiritismo, como alguns querem sugerir. Antes, o que se percebe é uma ironia bem característica do autor, uma forma bastante peculiar de criticar a nova doutrina, muito embora não se possa negar que ele tivesse bastante conhecimento dela. Provavelmente, Machado seguiu, sem saber, o conselho que Bezerra de Menezes deu ao bispo do Rio de Janeiro: o de primeiro conhecer a doutrina, para depois criticá-la nos seus termos e com conhecimento de causa; o que, no caso de Machado de Assis, será feito com maestria.

---

[89] LOPES, Castro. *Ressurreições.* Rio de Janeiro, Tip. Perseverança, 1879, p.112 *apud* MACHADO, Ubiratan. *Os intelectuais e o espiritismo.* Niterói, Lachartre, 1996, p.151.
[90] MACHADO, Ubiratan. *Os intelectuais e o espiritismo: de Castro Alves a Machado de Assis.* Niterói, Lachartre, 1996, p.152.

Na crônica seguinte, de 11 de outubro de 1885, Machado diz que, após a sua conversão ao espiritismo, decidiu estabelecer-se em Santo Antônio de Pádua, onde, deixando inspirar por "potências invisíveis" iria predizer as coisas futuras, fundar uma igreja e lucrar com isso, mas, depara-se com o código de posturas do município, cujo artigo 113 diz: "*fica proibido fingir-se inspirado por potências invisíveis, ou predizer coisas tristes ou alegres.*". [91]

Todo seu plano então desaba. Desiludido, ele termina dizendo que "*Aqui na côrte, a gente pode dizer, por meio de cartas de jogar, uma porção de coisas alegres ou tristes, e ainda por cima recebe dois mil-réis, ou cinco, se a notícia é excelente e a pessoa é graúda, e ninguém vai para a cadeia; ao passo que ali em uma simples vila do interior...*" [92]

Percebe-se nas crônicas, como pano de fundo, a situação vivenciada na corte carioca: a exploração pecuniária exercida pelas cartomantes, os novos "videntes" que surgiam todos os dias, ansiosos por lucrar com a credulidade popular e a expansão da doutrina espírita, que nesse momento, em que os papéis ainda não estão claramente definidos, confunde-se com o trabalho dos curandeiros, das cartomantes, etc.

Embora, é necessário esclarecer, mesmo com a institucionalização e a posterior legitimação frente aos cultos afro-brasileiros; mesmo tendo em seu meio a participação de médicos, políticos, militares, intelectuais, da elite enfim; o espiritismo sempre aparecerá nas crônicas de Machado de Assis como um fonte permanente de questionamentos. Ainda que o teor das críticas se abrande com o passar do tempo, como veremos posteriormente, ele sempre recorrerá à indagação, e muitas vezes a indignação, para falar sobre a doutrina de Allan Kardec.

Em junho de 1888, O Reformador anuncia a passagem pelo Brasil de um famoso médiun de efeitos físicos, o Dr. Slade. Diz a nota:

> *O Sr. Dr. Slade: Segundo cartas que recebemos de New York, do importante médiun de escritura direta, cujo nome encima estas linhas, deve ele achar-se entre nós, com sua sobrinha Miss Agnes L. Slade, por esses poucos dias.* [93]

---

[91] ASSIS, Machado de. *Obra Completa.* Vol. III, Rio de Janeiro: Editora José Aguilar, 1959, p. 504.
[92] ASSIS. Machado de. *Loc. cit.*
[93] O Reformador, 15 junho de 1888, p.02.

Pouco mais de um mês depois desta nota, em 19 de julho de 1888, Machado de Assis comenta a passagem do dito médiun e o fracasso que ela representou:

> *Os espiritistas brasileiros acabam de dar um golpe de mestre. Apareceu por aqui um médium, Dr. Slade é o seu nome, com a fama de ser prodigioso. A Federação Espírita Brasileira nomeou uma comissão para estudar os fenômenos de escritura direta sobre ardósias e outros efeitos físicos produzidos com o médium. Pois bem, senhores, não achou que o homem valesse a fama; declarou que os trabalhos ficaram muito abaixo do esse mesmo médium conseguiu na Inglaterra, França, Alemanha, Estados Unidos e Austrália. É verdade que a própria Federação explica a diferença. "Todos os que estudam os fenômenos espíritas (diz ela) conhecem que as mediunidades estão sujeitas a esses eclipses" e noutro lugar "Sabem todos que os invisíveis não estão servilmente à nossa disposição". [...] Valha-me Nossa Senhora! Que porção de coisas obscuras que nunca hei de entender! E daí, quem sabe? Schopenhauer chegou a crer nas mesas que giram, há quem acredite no casamento da constituição americana com o sistema parlamentar. Não é muito acreditar nos motivos do eclipse do Dr. Slade, mesmo sem entendê-los [...]* [94].

O "golpe de mestre" a que Machado de Assis se refere foi justamente o modo polido com que a FEB procurou se desembaraçar deste caso. Ubiratan Machado explica este fato:

> *Com toda a probabilidade, a FEB não desejava se tornar fiadora de alguém que, para muitos, não passava de hábil simulador. Oficialmente, ela lamentava que "o médium, sem dúvida por sugestões malignas, busque simular os fenômenos que obtém em condições normais". Era uma forma elegante e irônica de preservar a respeitabilidade da FEB, sem acusar Slade, frontalmente, de trapaceiro.* [95]

O Dr. Slade, que já havia sido acusado de trapaça algumas vezes, acabou sendo pego em flagrante, preso e condenado a três meses de trabalhos forçados em Londres, alguns anos após sua estada no Brasil. O próprio Camille Flammarion, discípulo e colaborador

---

[94] ASSIS, Machado de. *Obra Completa*. Rio de Janeiro: Editora José Aguilar, 1959, vol. III, p.527.
[95] MACHADO, Ubiratan. *Os intelectuais e o Espiritismo: de Castro Alves a Machado de Assis.* Rio de Janeiro: Lachartre, 1996, p. 179.

de Allan Kardec, declarou: *"Vi com meus próprios olhos Slade escrever sob a mesa, num quadro negro camuflado".*[96]

A FEB, portanto, acertou em tratar com polidez e discrição o caso quando Slade esteve no Brasil.

A polidez parece ter sido sempre a tônica das atividades de FEB. Giumbelli salienta que, além dos nomes importantes da sociedade que faziam parte de seu quadro de freqüentadores, como Ewerton Quadros, Bezerra de Menezes, o advogado Júlio César Leal, só para citar alguns; havia também um cuidado com a aceitação da Federação por parte da sociedade e um cuidado ainda maior no sentido de não entrar em choque com nenhuma autoridade, tanto que os trabalhos com os médiuns receitistas só tiveram início nas dependências da Federação em 1889, quando a doutrina já havia reunido um número considerável de adeptos.

3.3 Curandeirismo pode, espiritismo não.

Estas primeiras crônicas de Machado de Assis, escritas de modo esparso ao longo de dez anos, mostram que o interesse do escritor manifestava-se à medida que os acontecimentos iam sucedendo e que, mais do que apenas criticar, seu intento era o de questionar, de buscar respostas aos ensinamentos e pressupostos da nova doutrina, os quais muitas vezes foram considerados absurdos.

Durante este tempo, porém, o espiritismo não deixou de ser assunto corrente nos jornais da Corte e os embates entre o jornal católico O Apóstolo e o periódico espírita O Reformador continuavam acirrados.

Em 07 de junho de 1889, Machado de Assis publica a crônica, já citada, em que classifica o espiritismo por etapas que vão desde a inclinação ao obscuro, na primeira fase, até a demência completa, na segunda fase.

---

[96] CASTELLAN, Yvonne. *O Espiritismo.* São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1961, p. 100 *Apud* MACHADO, Ubiratan, *op.cit*., p.180.

Sem querer, (ou quem sabe de propósito?), Machado de Assis engrossa o coro formado por médicos e padres, entre outros, que consideravam o espiritismo como agente desencadeador da loucura.

E ele não será de forma alguma polido ou benevolente ao acusar o espiritismo; antes, o fará em termos bastante incisivos, como quando diz que, ao se conversar com um espírita percebe-se que o transtorno cerebral é claro, ou ainda:

> *Eu chegaria a propor, se tivesse autoridade para científica, um meio de desenvolver essa planta essencialmente espiritual. Estabeleceria por lei os casamentos espíritas, isto é, em que ambos os cônjuges fossem examinados e reconhecidos como entrados inteiramente na segunda fase. Os filhos desses casais trariam do berço o dom especial, em virtude da transmissão. Quando algum, escapando pelas malhas dessa lei natural chegasse a simples mediocridade, paciência; os restantes, confinando na idiotia e no cretinismo (com perdão de quem me ouve), prepararíam as bases de um excelente século futuro.*[97]

Curiosamente, porém, essa carga crítica não é desferida quando o assunto é curandeirismo. Ao comentar, em 29 de agosto do mesmo ano, a prisão do curandeiro Tobias, Machado de Assis, após frisar bem que "*não sou curandeiro, eu não tenho parente curandeiro, não conheço curandeiro, e nunca vi cara, fotografia ou relíquia sequer, de curandeiro"* defende o curandeirismo dizendo que esse foi a célula da medicina e explicando que no inicio dos tempos, quando não havia médicos, era o curandeiro que, usando ervas, "*que é o que havia à mão e ajudou a sarar ou a morrer o doente".*[98]

Significaria isso que ele, Machado, apoiava as práticas populares, mas era radicalmente contra a nova forma de religiosidade vinda da França? Estaria Machado de Assis defendendo o curandeirismo por ter, como se sabe, nascido em família pobre que certamente vez ou outra recorria à medicina popular?

Afirmar ou desmentir isso seria especulação, uma vez que não dispomos de dados suficientes para tal. Mas, fica a indagação, que se torna ainda mais viva quando

---

[97] ASSIS, Machado de. *Obra Completa*. Rio de Janeiro: Editora José Aguilar, 1959, Vol. III, p. 552.
[98] Idem, Ibidem, p.557.

analisamos uma outra crônica, esta de 10 de março de 1895, em que Machado de Assis comenta a prisão de duas feiticeiras e uma cartomante.

Nessa crônica, vemos que a mesma postura benevolente que teve em relação ao curandeiro Tobias é aplicada às duas feiticeiras, mas com a mesma intransigência com que criticou o espiritismo, também critica a cartomante. Vamos à crônica:

> *A feiticeira fecha o corpo ás moléstias com uma de suas bugigangas, talvez uma ceroula velha - e há facultativo (não digo competente) que faz a mesma coisa, levando a ceroula nova. Que razão há para fazer de um ato malefício, e beneficio de outro?*
>
> *O código, como não crê na feitiçaria, faz dela um crime, mas quem diz ao código que a feiticeira não é sincera, não crê realmente nas drogas que aplica e nos bens que espalha? A psicologia do código é curiosa. Para ele, os homens só crêem aquilo que ele mesmo crê; fora dele, não havendo verdade, não há quem creia outras verdades – como se a verdade fosse uma só e tivesse trocos miúdos para a circulação moral dos homens. [...]*
>
> *Relativamente às cartomantes, confesso que não as considero como as feiticeiras. A cartomante nasceu com a civilização, isto é, com a corrupção, pela doutrina de Rousseau. [...]*

O código mencionado na crônica trata-se do Código Penal, instituído em 11 de outubro de 1890, que trazia, no Capítulo III, na seção "*Dos crimes contra a saúde publica*", os artigos 156, 157 e 158, que foram um duro golpe contra os espíritas, então já numerosos e institucionalizados. Vejamos o que diziam tais artigos:

> *Artigo 156 – Praticar a Medicina em qualquer dos seus ramos, a arte dentária ou a farmácia; praticar a Homeopatia, a dosimetria, o hipnotismo ou magnetismo animal, sem estar habilitado segundo as leis e regulamentos:*
>
> *Penas – de prisão celular por um a seis meses e multa de 100$ a 500$000.*
>
> *[...]*
>
> *Artigo 157 – Praticar o Espiritismo, a magia e seus sortilégios, usar de talismãs e cartomancias para despertar sentimentos de ódio ou amor, inculcar cura de moléstias curáveis ou incuráveis, enfim, para fascinar e subjugar a credulidade pública:*

Penas - de prisão celular por um a seis meses e multa de 100$ a 500$000.

[...]

Artigo 158 – Ministrar ou simplesmente prescrever, como meio curativo para uso interno ou externo e sob qualquer forma preparada, substância de qualquer dos reinos da natureza, fazendo ou exercendo assim o ofício do denominado curandeiro:

Penas - de prisão celular de um a seis meses e multa de 100$ a 500$000.

O espiritismo, de acordo com o novo Código, passa a ser crime, e os médiuns receitistas se vêem em um grande problema: embora muitos fossem médicos, como Bezerra de Menezes, médico e político bastante respeitado, presidente da FEB de 1886 a 1889, que havia se convertido publicamente ao espiritismo durante uma sessão da FEB. Um dos motivos de sua conversão, inclusive, seria a cura de uma dispepsia persistente, após uma consulta com João Gonçalves do Nascimento, médium receitista não habilitado em medicina alopática. Outros tantos receitistas, porém, não eram habilitados, como observou Damazio:

A Federação Espírita Brasileira, até certo ponto, sentiu-se resguardada das implicações do Art. 156 – que incluía a prática da homeopatia sem a devida habilitação do praticante – em vista do grande número de médicos formados que compunha o grupo de receitistas do serviço de Assistência aos Necessitados. [...] A maioria dos receitistas do Serviço aos Necessitados, porém, não possuía habilitação, entre outros, uma das figuras de maior importância na história do Espiritismo no Brasil, Frederico Pereira da Silva Júnior, médium psicógrafo e receitador dos mais procurados. No mesmo caso encontravam-se José Inácio Pimentel, Inácio Dias Pereira Nunes, Henrique Inácio Faria, Pedro Richard - que aparece nas páginas de João do Rio como um símbolo na caridade cristã expressa no atendimento aos pobres [...] Resumindo: pessoas influentes e/ou ligadas à elite dirigente que, supunha-se, dificilmente deveriam ser incomodadas por policiais. Pois alguns desses médiuns foram autuados pelo exercício ilegal da medicina. [99]

[99] DAMAZIO, Sylvia F. *Da elite ao povo: advento e expansão do espiritismo no Rio de Janeiro.* Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1994, p.95.

Giumbelli explica o porquê de os médiuns receitistas, mesmo com o prestígio social de que dispunham, não terem escapado à perseguição policial[100]: esses médiuns tinham motivos de sobra para serem enquadrados criminalmente, afinal, poderiam ser alvo dos três artigos, visto que *"eram indivíduos sem habilitação profissional (art. 156), que se propunham a curar através do 'espiritismo' (art.157), prescrevendo medicações homeopáticas (art.158)".* [101]

Por essa razão, a reação da FEB não tardou. Um mês após o novo Código Penal entrar em vigor, *O Reformador* publica um artigo, endereçado ao Ministro da Justiça, em que contesta vivamente os artigos citados acima, especialmente o Art. 157, que cita explicitamente o espiritismo.

Começa o artigo dizendo que, se até então a FEB havia se mantido distante das leis, era por julgar que elas eram de competência dos políticos, mas que, diante do cerceamento da liberdade dos espíritas de praticarem suas atividades, não poderiam calar-se. Comentando o Art. 157, que compara o espiritismo à magia e outras formas de superstição, diz o artigo:

> *O Espiritismo, Senhor Ministro, é a mais complexa negação de todas as superstições: ele as combate como a mais poderosa causa do atraso do espírito humano, ele afirma que só se deve acreditar naquilo que a observação, iluminada pelos processos científicos modernos, pode verificar como aquisição certa para o patrimônio dos conhecimentos.*[102]

No mesmo número de *O Reformador* encontramos uma nota referente à convocação extraordinária feita pelo Centro Espírita do Brasil, sediado na FEB, então sob a presidência do Dr. Dias da Cruz, com a finalidade de resolver quais providências

---

[100] Yvonne Maggie, em seu livro, *O medo do Feitiço: relações entre magia e poder no Brasil*, analisa os processos contra feiticeiros, espíritas e curandeiros após a instauração do Código e concluiu que, mais do que condenar os acusados, a função desses processos era a de incitar, promover, constituir feiticeiros. Desta análise, também concluiu a autora que a partir do Código houve uma separação das práticas mágicas em "baixo espiritismo", quando de origem africanas, como a macumba, e alto espiritismo, termo atribuído ao espiritismo de matriz kardecista, do qual participavam, como já disse, membros notáveis da elite e que, por isso mesmo, em determinado momento, acabaram recebendo tratamento diferenciado do que era dado aos feiticeiros, frequentemente das camadas mais pobres da sociedade e muitas vezes negros.

[101] GIUMBELLI, Emerson. *O Cuidado dos mortos: uma história de condenação e legitimação do espiritismo.* Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1997, p.80.

[102] *O Reformador*. 01 de novembro de 1890, p.01.

deveriam ser tomadas acerca da inclusão do espiritismo como crime contra a saúde pública pelo novo Código Penal.

Durante esta reunião, que aconteceu em 20 de outubro de 1890, ou seja, apenas 09 dias após o Decreto 847 que institui o Código, ficou decidida a formação de uma comissão que ficaria incumbida de redigir uma representação a ser entregue aos poderes do Estado para a defesa do espiritismo. Essa representação foi redigida oficialmente por Bezerra de Menezes. Também decidiu-se que a questão seria discutida por meio da imprensa, e a primeira providência foi publicar o editorial de 01 de novembro de 1890 de *O Reformador* no *Jornal do Comércio*, além de transformá-lo em folheto que foi *"enviado ao Chefe do Governo Provisório, a todos os ministros, aos membros do Congresso Constituinte então em curso e a toda a imprensa".* [103]

O Reformador, aliás, publicou uma longa série de artigos contestando veementemente os artigos do código. E nessa tarefa ele teve a ajuda de Bezerra de Menezes.

O Dr. Bezerra de Menezes, que há alguns anos publicava artigos doutrinários sobre o espiritismo nas páginas do jornal *O Paiz,* passará a colaborar ativamente para que essa discussão sobre o novo Código seja levada a conhecimento público.

As portas do jornal *O Paiz* foram abertas à Bezerra de Menezes desde que Quintino Bocaiúva havia assumido o cargo de redator-chefe deste jornal. Quintino Bocaiúva, aliás, havia sido dono do jornal *A República* que, conforme já vimos, publicou o primeiro poema espírita, escrito por Octaviano Hudson. Simpatizante da doutrina, ele, Quintino, não tardaria a se converter e sempre recorria às consultas com os médiuns receitistas.

Bezerra de Menezes, sob o pseudônimo de Max, publicou em *O Paiz,* de 23 de outubro de 1887 a 24 de novembro de 1894 uma coluna intitulada *"Espiritismo: Estudos Filosóficos",* que foi muito importante para a divulgação da doutrina. [104]

Toda a sua publicação nessa coluna, e também as posteriores no *Jornal do Brasil,* e na *Gazeta de Notícias* entre 01 de dezembro de 1895 a 15 de outubro de 1897 foram

---

[103] GIUMBELLI, Emerson. *Op.cit*, p.83.
[104] Dados extraídos de DAMAZIO, Sylvia F. *Da elite ao povo: advento e expansão do espiritismo no Rio de Janeiro.* Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1994, p. 72.

compiladas em três volumes pela Fraternidade Assistencial Esperança (FAE) e é esse material que uso para esta pesquisa, visto que não me foi possível encontrar os originais. Por essa razão, não haverá referência de datas, mas das páginas do volume consultado.

No volume II desta obra é que encontramos os escritos referentes à proibição do espiritismo pelo novo Código. No primeiro destes artigos, sob o título de "*A Condenação do Espiritismo*", Bezerra de Menezes questiona se os autores dos citados artigos conheceram o espiritismo antes de condená-lo, e termina em tom incisivo:

> *O Espiritismo tem de zombar dos "Césares" da República, como o Evangelho, de que é o complemento, zombou dos Césares do império universal.*
>
> *Um dia, atendam bem, um dia, vós, como tantos outros, haveis de chorar lágrimas de sangue. Nós, os espíritas, temos dó da vossa presunção.* [105]

No artigo seguinte, o tom se eleva ainda mais, a começar pelo título "*Código Penal – Idéia Repugnante"* e pelas duras palavras com que Bezerra de Menezes se refere ao autor do Código, o conselheiro João Batista Pereira:

> *Terá o autor do código procedido tão arrogantemente, pela vaidade da competência, para julgar na matéria, ou foi por ignorância completa do que seja o Espiritismo, e de quais são os sábios de todos os tempos, que têm prestado seu nome a esta filosofia transcendente, a esta Ciência, que em menos de meio século, já possui elementos de avassalar todas as Razões e todas as Consciências?*
>
> *A primeira hipótese é tão arriscada, que exporia ao ridículo o autor do código, se fosse admitida.* [106]

No mesmo artigo, após citar o Congresso Internacional Espírita, que tinha acontecido no ano anterior em Paris, o Congresso Espírita de Barcelona, em 1888 e um outro em Cuba naquele mesmo ano de 1890, o autor faz um apelo ao governo:

---

[105] MENEZES, Adolfo Bezerra de. *Espiritismo: estudos filosóficos.* São Paulo: Edições FAE, 2001, vol.II, p.218.
[106] *Idem, ibidem,* p.221.

> *Max não pode concluir estas ligeiras considerações sem pedir ao governo um estudo sério desse trabalho, que vai envergonhar nossa pátria, quando for conhecido pelas nações, que não mais aceitam as idéias dos tempos da Inquisição, e ...* [107]

Inconformados com a inclusão do espiritismo no novo Código Penal, os espíritas vão buscar de todas as formas possíveis a revisão do texto. A série de artigos de Bezerra de Menezes é bastante longa, e mostra claramente o quanto os espíritas estavam dispostos a lutar pela validade de suas práticas.

Além da discussão pela imprensa e do folheto que foi distribuído a várias autoridades, um memorial em defesa do espiritismo foi redigido e enviado ao Marechal Deodoro da Fonseca. Não conseguiram a supressão do termo espiritismo do art. 157, mas obtiveram uma resposta do redator, na forma de 3 artigos , publicados no *Jornal do Comércio* em 23, 24 e 30 de dezembro de 1890. Eis um trecho deste texto:

> *Sabemos respeitar a liberdade de crenças [...] Não discutimos espiritismo e menos censuramos aqueles que o abraçam como ciência especulativa, sem descerem às suas práticas experimentais ou clínicas. [...] o que não se admite é que se use do espiritismo, como de qualquer outro meio, em proveito próprio, mas me prejuízo da saúde, da vida e, quiçá, da honra alheias.* [108]

Ainda de acordo com Giumbelli, o autor do Código, João Batista Pereira , ao contrário do que alegam os espíritas, conhecia razoavelmente o espiritismo, e sabia inclusive de casos e relatos sobre o espiritismo na Europa bem como da existência dos médiuns receitistas. O autor cita investigações levadas a cabo por comissões cientificas na Europa e delas conclui que o espiritismo era uma simples superstição. Em outro trecho do texto, vemos que o autor não considera os aspectos religiosos do espiritismo, antes dando ênfase aos possíveis danos que a exploração ilícita de suas práticas poderia acarretar à população:

> *[...] o código não condena as práticas espíritas em absoluto, nem como meio de investigação cientifica, nem como diversão ou distração [...], mas como indústria ilícita, de que seus exploradores tiram proveito em detrimento da saúde publica. [...] a indústria da magia, da feitiçaria e da cartomancia [entre a qual o 'espiritismo' se inclui] constitui verdadeiro estelionato, sempre que seus agentes*

---

[107] *Idem, ibidem*, p. 222.

[108] GIUMBELLI, Emerson. *O cuidado dos mortos: uma história de condenação e legitimação do espiritismo.* Rio de janeiro: Arquivo Nacional, 1997, p.85.

> *usam de tais meios para persuadirem a existência de um poder extraordinário para fazer nascer a esperança de um sucesso, de um acidente ou outro acontecimento quimérico.* [109]

Sylvia F. Damazio também comenta a resposta de Batista Pereira à reação dos espíritas e salienta que, segundo o relator, o que entrara para o Código foi o chamado "Baixo Espiritismo", e não o espiritismo filosófico, religioso e moral, porém:

> *As perseguições aos médiuns em sessões nos centros, ou em suas residências, ou na própria Federação, que culminaram com prisões e processos, iriam comprovar que as autoridades policiais interpretavam os artigos diferentemente de seu autor.* [110]

As questões envolvendo os espíritas e as autoridades policiais demoraram-se anos, durante os quais várias prisões foram efetuadas e processos instaurados, a grande maioria deles com a absolvição dos réus, mas não há como negar que uma situação desse tipo abale em muito o ânimo dos envolvidos. Além do Código, havia ainda a questão com a Igreja Católica, e isso, aliado à perseguição policial e aos ataques dos materialistas e dos médicos alopatas, tornaram os últimos anos do século XIX bastante difíceis para os membros do movimento espírita.

Os espíritas, porém, não obstante o abalo sofrido e a dificuldade enfrentada durante os anos finais do século XIX, jamais desistiram de tentar provar a legitimidade de sua crença e seu direito à liberdade de culto. Seus argumentos ganham um reforço quando da promulgação da Constituição de 1891 que em seu art. 72, parágrafo 3° garantia a liberdade de culto no Brasil. Este artigo foi bastante utilizado em defesa do espiritismo e dos espíritas, sendo constantemente citado nos processos instaurados.

Como este trabalho não tem por objetivo analisar a fundo a questão da polêmica instalada com os art. 156,157 e 158 do novo Código Penal, nem analisar o processo de legitimação do espiritismo a partir daí, (até porque isso já foi feito por Yvonne Maggie e Emerson Giumbelli nos trabalhos já citados), encerro por aqui os comentários, salientando que eles foram necessários até aqui para contextualizar o espiritismo, e para

---

[109] *Idem, ibidem,* p.86-87, grifo do autor.
[110] DAMAZIO, Sylvia F. *Da elite ao povo: advento e expansão do espiritismo no Rio de Janeiro.* Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1994, p. 121.

melhor compreender o porquê de as crônicas de Machado de Assis sobre o assunto terem assumido um tom mais áspero e aumentado de número durante a década de 1890, quando estava em pleno andamento a crise a que me referi acima.

Pois bem, voltemos a Machado de Assis. Em 03 de julho de 1892, ele publica uma crônica em que primeiro mostra seu conhecimento acerca da doutrina, ao explicar ao leitor os termos reencarnado e desencarnado, citando indiretamente Allan Kardec ao dizer que lei é nascer, morrer, tornar a nascer e renascer ainda, progredir sempre. Também explica como, no espiritismo a morte se dá de maneira diferente que nas outras religiões.

Após essa explicação, Machado de Assis passa à pura ironia, ao misturar conceitos do brahmanismo com espiritismo. Ao falar em transmigração das almas, ele se pergunta se os espíritas serão como os brâmanes que são seus avós, que têm um grande respeito pelas vacas e a consideram o melhor abrigo para a alma que tenha deixado o corpo humano. E acrescenta:

> *Ah! Se eu ainda vejo um amigo meu, sacerdote espírita, metido dentro de uma vaca, e um homem, não desencarnado, a vender-lhe o leite pelas ruas, seguidos de um bezerro magro... Não, lembra-me agora que não pode ser, porque o principio espírita não é o mesmo da transmigração, em que as almas dos valentes vão para o os corpos dos leões, a dos fracos para os das galinhas, a dos astutos para as raposas e assim por diante. O principio espírita é fundado no progresso. Renascer, progredir sempre, tal é a lei.* [111]

Essa crônica, escrita em meio à crise que atingia o movimento espírita, em que vários de seus membros estavam sendo processados e os espíritas buscavam de todas as formas a revisão do Código, mostra que Machado de Assis preferia manter-se alheio à essas questões, continuando a considerar o espiritismo como uma tolice, um absurdo, pois ao continuar a crônica, ele fala de um conhecido seu, já bastante velho, que afirmava estar na segunda encarnação e que na primeira havia sido soldado romano e participado da crucificação de Cristo, dando inclusive detalhes dela. Este seu conhecido também se referia à próxima encarnação com grande alegria, sabendo que lhe estava reservado um grande cargo, pensando talvez na coroa da Alemanha.

---

[111] ASSIS, Machado de. *A Semana*. Rio de Janeiro: W.M. Jackson Editores, 1942, vol.II, p. 71.

A questão da transmigração ocupou as páginas de uma outra crônica, esta de 23 de setembro de 1894, em que, após recomendar o espiritismo à polícia, a fim de esclarecer um caso de bigamia; Machado de Assis fala novamente mostra como não levava a sério o espiritismo:

> *Em Mogi – Mirim, estado de São Paulo, acaba de enlouquecer um burro [...] Que espírito estaria encarnado nesse pobre animal, amigo do homem, seu companheiro, e muita vez seu substituto? Talvez um gênio. [...] Quanta vez teria dito ele consigo: - Não fosse a minha ilusão em reencarnar-me nesta besta, e estaria agora entre pessoas honradas e ilustradas, falando em vez de zurrar, colhendo palmas, em vez de pancada.*[112]

A opinião de Machado de Assis não mudou ao longo dos anos, antes se fez mais e mais incisiva, à medida que os fatos complicavam-se entre espíritas e os diversos setores da sociedade que os combatiam, como médicos, católicos e autoridades policiais.

Em 24 de junho de 1894, Machado publica uma crônica na qual fala sobre a liberdade de culto, afirmando que "*parece que a liberdade de adivinhação, proclamada contra a oligarquia de junho não está provando bem, e que o meio de todos comerem é não comerem todos".* [113]

E continua dizendo que a saída deste conflito, no qual todos querem distribuir o pão místico, poderá ser um acordo em que todos comam moderadamente.

Essa crônica parece apontar para um interesse da parte de Machado pelos conflitos envolvendo as práticas citadas nos artigos do novo Código Penal, e para os quais ele vê duas possíveis soluções; ou a proibição de todas elas, ou um acordo. Pensando em como espíritas, feiticeiros, cartomantes e congêneres disputavam nessa época as posses dos bens religiosos, e afirmavam suas práticas como verdadeiras, a crônica passa a fazer todo o sentido.

Mas seu interesse se mostra de fato em 1895, na crônica mais incisiva de todas as que escreveu nesses 30 anos desde aquela primeira em que comentava as previsões sobre a Guerra do Paraguai.

---

[112] ASSIS, Machado de. *A Semana*. Rio de Janeiro: W.M. Jackson Editores, 1942, vol.II, p. 204.
[113] *Idem, ibidem*, p.137.

Ubiratan Machado também comentou esta crônica observando que nela "*o escritor carioca se mostrou particularmente ácido para com a doutrina de Kardec, escrevendo uma das mais biliosas investidas que saiu de sua pena".* [114]

Esta crônica, de 27 de outubro de 1895, fala sobre a morte de uma jovem durante uma sessão espírita na Associação Espírita, caso que foi, segundo Ubiratan Machado, amplamente divulgado pela imprensa. Passemos a ela:

> *Ignez, assistindo à prática do Sr. Abalo, que é o presidente da associação, teve um ataque nervoso que, segundo os depoimentos, se transformou em sonambulismo. Transferida pelos fundos da casa n. 146 para a casa n. 144, ali morreu às 5 horas da manhã. Paulina, que é o médium da associação, depôs que Ignez nunca antes assistira a tais sessões, e que ali chegara meio adoentada.[...]*
>
> *A questão substancial, e posso dizer a única, é a liberdade. O presidente Abalo e o médium Paulina confessaram já terem sido processados, com outros membros da associação, por praticarem o espiritismo. O primeiro acrescentou que , se bem conhece o art. 157 do código penal, exerce o espiritismo de acordo com a disposição do art. 72 da Constituição.*
>
> *[...] Realmente, a Constituição, mãe do código, acaba com a religião do Estado, e não lhe importa que cada um tenha a que quiser. Desde que a porta fica assim aberta a todos, em que me hei de fundar para meter na cadeia o espiritismo? [...] Quando o médium Paulina declara que recebe os espíritos, e transmite os seus pensamentos aos membros da associação, eu se fosse o código, diria ao médium Paulina: Uma vez que a Constituição te dá o direito de receber os espíritos e os corpos, à escolha, fico sem razão para autoar-te, como merecer, minha finória; mas não te exponhas a tirar algum relógio aos associados, que isso é comigo.*
>
> *O espiritismo é uma religião, não sei se falsa ou verdadeira; ele diz que verdadeira e única. [...] Verdadeiros ou não , escrevem-se e publicam-se inúmeros livros, folhetos, revistas e jornais espíritas. Aqui na cidade há uma folha espírita ou duas, não se gasta tanto papel, em tantas línguas, senão crendo que a palavra que se está escrevendo é a própria verdade. Admito que haja alguns charlatães; mas o charlatanismo bem considerado que outra coisa é senão uma bela e forte religião? [...]* [115]

---

[114] MACHADO, Ubiratan. *Os Intelectuais e o Espiritismo: de Castro Alves a Machado de Assis.* Niterói: Lachartre, 1996, p.199.

[115] ASSIS, Machado de. *A Semana.* Rio de Janeiro: W. M. Jackson Editores, 1942, vol. III, p.24-25. Uma curiosidade: o médium Paulina, a que Machado se refere, na verdade é uma mulher.

Esta não era a primeira vez que o Sr. Abalo e a médium Paulina eram acusados. Em 1894, eles responderam a processo pela prática de espiritismo, com base no art. 157. Deste processo constam como réus: Manuel de Sousa Abalo, português, ourives; José Antônio da Silva, português, comerciante; Antônio Tomaz da Rocha, português, negociante; Domingos Lopes Ferreira, português, pintor e Paulina Maria Ferreira, brasileira, doméstica. O processo teve início em maio de 1894 e consta que os réus faziam parte da "Associação Cristã" (e não Associação Espírita, como na crônica), que faziam rezas em favor dos que sofriam e tratavam dos doentes por meio do espiritismo. Os réus foram defendidos por um advogado, pagaram fiança e ao final do processo, em setembro do mesmo ano, foram absolvidos. [116]

Um ano depois, portanto, estavam novamente nos bancos dos réus o Sr. Abalo e a médium Paulina.

Pelo tom da crônica, podemos imaginar o escândalo que se constituiu esse episódio. O Reformador, no entanto, não faz qualquer menção ao caso e nem o Dr. Bezerra de Menezes o comenta em sua coluna semanal.

Os motivos para este silêncio podem ser de natureza variada, mas, se seguirmos uma pista deixada por Ubiratan Machado, poderemos chegar à hipótese mais provável. Em seu livro, há uma nota sobre as considerações de João do Rio acerca do Sr. Abalo, em que fala sobre o tipo de espiritismo praticado por ele.

> *Cerca de 15 anos após a crônica machadiana, João do Rio assistiu a uma das sessões realizadas por Manuel de Sousa Abalo, a quem denominou de " o grande sacerdote das gentalhas", " a pedra angular do baixo espiritismo". Açoriano, "gordo e grave como um hansan de sinagoga turca", ele continuava auxiliado pela negra Paulina, sua médium de confiança. A sessão transcorreu num clima onde o grotesco predominava, terminando pela venda de folhetos de propaganda. "Não era sessão espírita, era feira", ironizava o cronista.* [117]

Com base nestas informações, podemos concluir que o Sr. Manuel de Sousa Abalo, e sua auxiliar Paulina, praticavam um tipo popular de espiritismo, o baixo espiritismo,

---

[116] Dados extraídos de GIUMBELLI, Emerson. *O Cuidado dos mortos: uma história de condenação e legitimação do espiritismo.* Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1997, p. 290.
[117] MACHADO, Ubiratan. *Op. cit.* P.208.

como se convencionou chamar, e esta prática com muita probabilidade vinha desde a época da morte da jovem Ignez.

Isso explica o porquê de *O Reformador* e o Dr. Bezerra de Menezes não comentarem o caso, uma vez que os membros da FEB, em sua luta pela legitimação do espiritismo de matriz kardecista, fizessem questão absoluta de se manter afastados das práticas de origem africana e do tipo popular de espiritismo que delas resultaram.

Apesar disso, pode-se imaginar que esse caso tenha vindo a complicar ainda mais a situação dos espíritas, engrossando o coro dos seus perseguidores, pois para a maioria das pessoas espiritismo, fosse "alto" ou "baixo", era a mesma coisa.

Provavelmente por isso *O Reformador*, em setembro daquele ano, publica um longo editorial com o título de *Ad Referendum,* em que faz uma longa defesa do espiritismo e conclama, novamente, os que perseguem a doutrina a estudá-la, para depois, sim, acusá-la com conhecimento de causa.

Não consegui localizar dados precisos sobre a morte da jovem Ignez, mas como na crônica de Machado de Assis ele menciona que talvez os leitores não se lembrem mais do caso, visto que na cidade as noticias duram três dias, o fato certamente se deu pouco tempo antes da publicação da crônica, e este editorial de *O Reformador* pode ser uma resposta ao escândalo que o caso provocou na sociedade.

No ano seguinte, Machado de Assis comenta um telegrama recebido da Bahia, em que se faz saber que andava por lá um senhor chamado de Manuel Benta Hora, auto - intitulado emissário de Jesus Cristo, e que já possuía um séquito de mais de cem seguidores. O telegrama também faz menção a Antonio Conselheiro, afirmando que era um outro profeta, e informa que a imprensa pede ao governo que o novo emissário de Cristo seja recolhido à cadeia.

Surpreendemente, Machado de Assis não concorda com o pedido de prisão do novo profeta, amenizando a acusação ao sugerir que ele poderia estar agindo de boa fé.

> *As descobertas últimas são estupendas; tiram-se retratos de ossos e de fetos. Há muito os espíritas afirmam que os mortos escrevem*

> *pelos dedos dos vivos. Tudo é possível neste mundo e neste final de um grande século.*
>
> *[...]*
>
> *Ora, pergunto eu: a liberdade de profetar não é igual à de escrever, imprimir, orar, gravar? Ninguém contesta à imprensa o direito de pregar uma nova doutrina política ou econômica. Quando os homens públicos falam em nome da opinião, não há quem os mande apresentar as credenciais na cadeia. [...] Donde vem então que o triste do Benta Hora deva ir confiar às tabuas de um assoalho as doutrinas que traz para um povo inteiro, considerando que a cadeia de Obrobó -Grande seja assoalhada? [...] Defendamos a liberdade e o direito.*

Seria essa crônica uma prova de que com o passar do tempo Machado de Assis mudou sua opinião em relação ao espiritismo? Acredito que não.

O que vemos é uma defesa dos profetas e das práticas populares, desde que os seus realizadores tenham agido de boa-fé, ou seja, por ignorância e credulidade, sem se dar conta de que contrariavam alguma instituição, ou transgrediam alguma lei.

Aqui podemos nos voltar àquelas crônicas em que Machado de Assis defendeu as feiticeiras e o curandeiro, mas acusou a cartomante. A crendice popular, para ele, era plenamente justificável, mas uma doutrina que afirma falar com os mortos, e se auto-proclama a nova e definitiva revelação, não.

Considerações Finais

Ao final deste trabalho, percebo que muitas das conclusões a que cheguei já foram apresentadas ao longo do texto, porém vale ressaltar as que, a meu ver, são as principais dentre elas.

A posição intransigente de Machado de Assis não muda nesses 31 anos, antes, se torna mais e mais incisiva. Se no início ele via o espiritismo como uma tolice, com o passar do tempo e a expansão e institucionalização da doutrina, seu discurso se altera, assumindo um tom cada vez mais contestador e contrário.

Que Machado de Assis conhecia bem o espiritismo, disso não resta dúvida. Mas esse conhecimento em nenhum momento lhe trouxe alguma simpatia pela nova doutrina. Ao que parece, talvez inconscientemente, ele seguiu o conselho tantas vezes dado pelos espíritas aos seus detratores: o de conhecer primeiro a doutrina, para depois criticá-la com conhecimento de causa.

Se a esperança dos espíritas ao dar tal conselho era a de que a doutrina acabaria por seduzir e trazer para o outro lado da batalha os que a condenavam, isso não funcionou com Machado de Assis.

De forma direta ou não, assumindo um tom áspero ou irônico, o que percebo nos escritos analisados é um questionamento constante, uma grande vontade de entender como uma doutrina importada da Europa poderia atrair tantas pessoas, muitas bastante influentes, e pregar a possibilidade de comunicação com os mortos ou a reencarnação, entre outros.

Esse questionamento, é claro, foi feito à maneira muito própria de Machado de Assis, com seu estilo inconfundível e sua ironia por tantas vezes presente em suas crônicas e contos. E, embora essa faceta de sua obra seja tão pouco conhecida, ela não pode ser desprezada, afinal, foram 31 anos de interesse pelo espiritismo nas crônicas e contos machadianos.

Para finalizar, gostaria de citar Raymundo Faoro, que em seu livro *A Pirâmide e o Trapézio,* comenta o interesse de Machado de Assis pelo espiritismo, mas em termos bem diferentes dos que usei até agora:

> *A presença dos videntes e adivinhos, na obra de Machado de Assis, sofre uma dupla censura: a censura social, com o desprezo da classe alta pelas crendices do vulgo, e a censura intelectual, do letrado sobre o ignorante. Essa conjugada visão se atenua e ameniza com respeito ao espiritismo, que não apela apenas para a superstição, mas se funda numa doutrina.* [118]

Concordar com essa afirmação seria desmentir tudo o que disse até aqui. Através da pesquisa que realizei, concluí exatamente o oposto disso: a opinião de Machado de Assis é mais condescendente com as crendices populares, basta lembrar a crônica que fala das duas feiticeiras e da cartomante. Já com o espiritismo, o que percebi, como já disse, é que as criticas vão se tornando cada vez mais severas, até culminar na crônica sobre a morte da jovem Ignez, a mais feroz das que encontrei.

Uma coisa é fato, Machado de Assis não especulava sobre espiritismo. Se num primeiro momento para ele videntes, cartomantes e espíritas eram integrantes de um mesmo grupo, à medida que os espíritas vão institucionalizando sua doutrina ele, Machado, vai dedicando um tempo maior a analise dela, sem em nenhum momento, a meu ver, lhe ser simpático.

Isso só comprova o já tão discutido interesse de Machado de Assis pela história do Rio de Janeiro e do Brasil. Nada escapava à sua pena.

---

[118] FAORO, Raimundo. *A Pirâmide e o Trapézio.* São Paulo: Editora Nacional, 1969, p.470.

Referências Bibliográficas

Fontes Primárias em livros.

ASSIS, Machado. *Obra Completa.* Rio de Janeiro: Editora José Aguilar Ltda, 1959. 3 volumes

_____. *A Semana.* Rio de Janeiro: W. M. Jackson Editores, 1942, 3 volumes.

_____. *Contos Escolhidos*. São Paulo: Martin Claret, 2001.

_____. *Diálogos e Reflexões de um Relojoeiro*. Rio de Janeiro: Ediouro, s/d.

_____. *Papéis Avulsos.* Rio de Janeiro: W.M. Jackson Editores, 1944.

_____.*Histórias sem data.* Rio de Janeiro: W.M. Jackson Editores, 1942.

Fontes Primárias em periódicos.

O Reformador. 1883- 1896. Federação Espírita Brasileira.
Revista Espírita. 5 volumes, 1875. Disponível em http:// www.espirito.org.br/indez.asp. Acesso em abril de 2005.

Livros

ABREU, Canuto. *Bezerra de Menezes: subsídios para a história do espiritismo no Brasil até o ano de 1895.* São Paulo: Feesp, 1991.

ANDRADE, Ana Luiza. *Transportes pelo olhar de Machado de Assis: passagens entre o livro e o jornal.* Chapecó: grifos, 1999.

ARRAIA, Eduardo. *Espiritismo: doutrina de fé e ciência.* São Paulo: Editora Ática, 1996.

BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira.* São Paulo: Cultrix, 1970

BOURDIEU, Pierre. *Gênese e Estrutura do Campo Religioso. IN: A Economia das Trocas Simbólicas.* São Paulo: Perspectiva 1999.p.27 a 98.

BROCA, Brito. *A Vida Literária no Brasil - 1900.* Rio de Janeiro: José Olympio: Academia Brasileira de Letras, 2004.

CANDIDO, Antonio. *Literatura e Sociedade: estudos de teoria e história literária.* São Paulo: Companhia Nacional, 1967.

_____.[*et al]. A Crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil*. Campinas: Editora Unicamp; Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992.

CARDOSO, Ciro F. & VAINFAS, Ronaldo. *Domínios da História: ensaios de teoria e metodologia.* Rio de Janeiro: Campus,1997.

CARVALHO, José Murilo. *Os Bestializados: o Rio de Janeiro e a República que não foi.* São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

_____. *A Formação das Almas: o imaginário da República no Brasil.* São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

CASTELO, José Aderaldo. *Realidade e Ilusão em Machado de Assis.* São Paulo: Pioneira, 1969.

CHALHOUB, Sidney. *Machado de Assis historiador.* São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

CHALHOUB, Sidney; MIRANDA, Leonardo Affonso de. (Orgs.) *A História Contada: capítulos de história social da literatura no Brasil*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998.

CHARTIER, Roger. *A história Cultural entre práticas e representações*. Lisboa: Difel, 1988.

DOYLE, Artur Conan. *História do Espiritismo.* São Paulo: Pensamento, 1995.

FAORO, Raymundo. *Machado de Assis: A pirâmide e o Trapézio.* São Paulo: Editora Nacional, 1969.

GLEDSON, John. *Machado de Assis: ficção e história.* São Paulo: Paz e Terra, 2003.

_____. *Machado de Assis: impostura e realismo.* São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

_____. *Por um novo Machado de Assis: ensaios.* São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

GODOY, Paulo Alves. *Grandes Vultos do Espiritismo.* São Paulo: Feesp, 1990.

GUIMARÃES, Hélio de Seixas. *Os Leitores de Machado de Assis: o romance machadiano e o público leitor do século XIX.* São Paulo: Nankin Editorial, Editora da Universidade de São Paulo, 2004.

LE GOFF, Jacques; NORA, Pierre. *História*: *novos problemas, novas abordagens, novos objetos.* Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1988.

LE GOFF, Jacques. *História e Memória.* Campinas, SP: Editora da Unicamp. 2003.

_____& LUCENA, Antonio de Souza. *Personagens do espiritismo.* São Paulo: Feesp, 1982.

KARDEC, Allan. *O livro dos Espíritos.* Tradução Salvador Gentile. Araras: IDE,1995

_____. *O Evangelho Segundo o Espiritismo.* Tradução J.Herculano Pires. São Paulo: LAKE, 1997.

MACHADO, Ubiratan. *Os intelectuais e o espiritismo: de Castro Alves a Machado de Assis.* Niterói: Lachartre, 1996.

MARTINS, Wilson. *História da Inteligência Brasileira.* São Paulo: Cultrix, 1977, Vol. III.

MENEZES, Adolfo Bezerra de. *Espiritismo: Estudos Filosóficos.* São Paulo: Edições FAE, 2001, 3 volumes.

PEREIRA, Lúcia Miguel. *Machado de Assis: Estudo crítico e biográfico.* São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1939.

REALE, Miguel. *A Filosofia na obra de Machado de Assis.* São Paulo: Pioneira, 1982.

RIO, João do. *As Religiões do Rio.* Disponível em www.dominiopublico.gov.br.

ROSSATO, Alberto Luis de Mello. *Espiritismo sem mistérios.* Capivari: EME, 1995.

SEVCENKO, Nicolau. *A capital irradiante*: técnica, ritmos e ritos do Rio. *In*, História da vida privada no Brasil, v. 3. NOVAIS, Fernando A; SEVCENKO, Nicolau. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como Missão: Tensões sociais e criação cultural na Primeira República.* São Paulo, Brasiliense, 1985.

SCHWARZ, Roberto. *Ao vencedor as batatas: forma literária e processo social nos inícios do romance brasileiro.* São Paulo: Duas Cidades, 1997.

SILVA, Vagner Gonçalves. *Candomblé e Umbanda: Caminhos da devoção brasileira.* São Paulo, Ática, 1994.

SOUZA, Beatriz de. *Católicos, Protestantes e Espíritas.* Petrópolis: Vozes, 1973.

TORRES, João Camilo de Oliveira. *História das Idéias Religiosas no Brasil*. São Paulo: Editorial Grijalbo Ltda.1968.

WEGELLIN, João Marcos. *Memória Espírita: papéis velhos e histórias de luz*. Rio de Janeiro: Edições Léon Denis, 2005.

VALENTE, Waldemar. *Sincretismo Religioso Afro-Brasileiro*. São Paulo: Editora Nacional, 1976.

Artigos em periódicos.

GIUMBELLI, Emerson. *Heresia, doença, crime ou religião: o Espiritismo no discurso de médicos e cientistas sociais.* Revista de Antropologia, 1997, Vol. 40, p.31-82

ISAIA, Artur César.. *O Espiritismo diante da idéia republicana no Brasil.* Fragmentos de Cultura, Goiânia, v. 15, n. 10, p. 1541-1552, 2005.

STOLL, Sandra Jacqueline. *Religião, ciência ou auto-ajuda? Trajetos do Espiritismo no Brasil.* Revista de Antropologia. 2002, Vol.45, p.361-402.

_____. *Narrativas Biográficas: a construção da identidade espírita no Brasil e sua fragmentação*. Revista Estudos Avançados. Vol.18, no. 52. Disponível no site www.scielo.br (acesso em outubro de 2004).

Teses e Dissertações.

MANHÃES, Carlos Eduardo von Doellinger. *O Reformador e o Apóstolo: embates entre espíritas e católicos no Rio de Janeiro (1883-1929)*. 198 pág. Dissertação (Mestrado em História) Rio de Janeiro: Universidade Federal Fluminense. 2001,

BIGUETO, Alessandro César. *Eurípedes Barsanulfo, um educador espírita na Primeira República.* 187 pág. Dissertação (Mestrado em História) Campinas: Unicamp, 2006.

SANCHES, Maria Teresa Nunes. *Memórias Póstumas de Brás cubas e a Consciência de Zeno: representações históricas das sociedades brasileira e italiana.* 148 pág. Dissertação (Mestrado em Letras) São José do Rio Preto: Universidade Estadual Paulista, 2003.

Livros Grátis

(http://www.livrosgratis.com.br)

Milhares de Livros para Download:

Baixar livros de Administração
Baixar livros de Agronomia
Baixar livros de Arquitetura
Baixar livros de Artes
Baixar livros de Astronomia
Baixar livros de Biologia Geral
Baixar livros de Ciência da Computação
Baixar livros de Ciência da Informação
Baixar livros de Ciência Política
Baixar livros de Ciências da Saúde
Baixar livros de Comunicação
Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE
Baixar livros de Defesa civil
Baixar livros de Direito
Baixar livros de Direitos humanos
Baixar livros de Economia
Baixar livros de Economia Doméstica
Baixar livros de Educação
Baixar livros de Educação - Trânsito
Baixar livros de Educação Física
Baixar livros de Engenharia Aeroespacial
Baixar livros de Farmácia
Baixar livros de Filosofia
Baixar livros de Física
Baixar livros de Geociências
Baixar livros de Geografia
Baixar livros de História
Baixar livros de Línguas

Baixar livros de Literatura
Baixar livros de Literatura de Cordel
Baixar livros de Literatura Infantil
Baixar livros de Matemática
Baixar livros de Medicina
Baixar livros de Medicina Veterinária
Baixar livros de Meio Ambiente
Baixar livros de Meteorologia
Baixar Monografias e TCC
Baixar livros Multidisciplinar
Baixar livros de Música
Baixar livros de Psicologia
Baixar livros de Química
Baixar livros de Saúde Coletiva
Baixar livros de Serviço Social
Baixar livros de Sociologia
Baixar livros de Teologia
Baixar livros de Trabalho
Baixar livros de Turismo